

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO**

Bruna Nathália Alves da Silva

**FESTIVAL DE TEATRO ESTUDANTIL DA BOCA DO MONTE: CRIAÇÃO DE
PEÇAS TEATRAIS COM ALUNOS DA REDE BÁSICA DE ENSINO**

Santa Maria - RS

2023

Bruna Nathalia Alves da Silva

**FESTIVAL DE TEATRO ESTUDANTIL DA BOCA DO MONTE: CRIAÇÃO DE
PEÇAS TEATRAIS COM ALUNOS DA REDE BÁSICA DE ENSINO**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Licenciatura em Teatro, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de graduação.

Orientador: Prof. Dra. Miriam Benigna Lessa Dias

SANTA MARIA – RS

2023

Dedico esse trabalho a todos os professores e projetos sociais extracurriculares que fizeram parte da minha vida quando eu era criança. Naquela época, meus pais precisavam trabalhar e, graças a esses programas públicos, encontrei a paixão pela arte que me levou a seguir no teatro como minha profissão.

RESUMO

FESTIVAL DE TEATRO ESTUDANTIL DA BOCA DO MONTE: CRIAÇÃO DE PEÇAS TEATRAIS COM ALUNOS DA REDE BÁSICA DE ENSINO

AUTORA: Bruna Nathália Alves da Silva
ORIENTADORA: Miriam Benigna Lessa Dias

O presente trabalho aborda a preparação de alunos da rede básica de ensino para participar do Festival de Teatro Estudantil da Boca do Monte. O objetivo foi capacitar os estudantes para criar e apresentar peças teatrais, desempenhando tanto o papel de atores quanto de espectadores críticos. Ao longo do processo, os resultados são notáveis: os alunos não apenas encenaram suas próprias produções, mas também assistiram a outras peças, promovendo a integração da comunidade e gerando novos apreciadores de teatro. Além do desenvolvimento de habilidades teatrais, os alunos adquiriram um senso crítico refinado em relação à educação teatral, contribuindo para a formação de artistas mais completos e para o enriquecimento cultural da comunidade.

Palavras- chave: Teatro. Educação. Oficinas. Festival. Estudantil. Espectador.

ABSTRACT

STUDENT THEATRE FESTIVAL AT BOCA DO MONTE: CREATION OF THEATRICAL PLAYS WITH STUDENTS FROM BASIC EDUCATION.

AUTHOR: Bruna Nathália Alves da Silva
ADVISOR: Miriam Benigna Lessa Dias

This present work addresses the preparation of students from the basic education network to participate in the Boca do Monte Student Theater Festival. The aim was to empower the students to create and perform theatrical pieces, taking on the roles of both actors and critical spectators. Throughout the process, the results are remarkable: the students not only staged their own productions but also attended other plays, promoting community integration and cultivating new theater enthusiasts. In addition to the development of theatrical skills, the students acquired a refined sense of criticism regarding theater education, contributing to the formation of more well-rounded artists and the cultural enrichment of the community.

Keywords: Theater, Education, Workshops, Festival, Student, Spectator.

SUMÁRIO

1 Vamos fazer um Festival de Teatro?	7
2 Separamos as tarefas e iniciamos a preparação do Festival	9
3 Início das Oficinas	11
3.1 A Turma 1 (T1).....	11
3.1.1. Construção da peça para o Festival.....	16
3.2 A Turma 2 (T2).....	21
3.2.1 Adaptação de um Livro Infantil para texto teatral e construção de uma peça para o Festival.....	26
4 Estágio Supervisionado de Docência em Teatro II - Ensino Médio - Turma 3 (T3)	32
4.1 Criação de esquetes teatrais para compartilhamento com a turma e posterior participação no Festival.....	37
5 O Ensaio Geral	41
6 O Festival	42
6.1 O Planeta Macambúzios.....	44
6.2 Esse filme é uma peça.....	45
6.3 Era uma vez, outra vez.....	47
6.4 O Público do Festival.....	49
7 Pós Festival	53
7.1 Relatos dos Alunos e Pessoas da Comunidade.....	53
8 Conclusão	63
REFERÊNCIAS	67

1 Vamos fazer um Festival de Teatro?

No curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Santa Maria possuem três estágios de docência: no ensino fundamental, no ensino médio e um de oficinas na comunidade.

A oportunidade de realizar o estágio de Licenciatura em Teatro pela UFSM me possibilitou o contato com jovens que pouco conhecem o teatro.

No decorrer das aulas fui tendo flashbacks da minha adolescência e de como eram as aulas de artes na minha escola. Lembrei que minha primeira experiência fazendo teatro na sala de aula não foi com a professora de artes, mas na disciplina de inglês onde montamos a peça de *Romeu e Julieta* (Shakespeare) com a turma. Assim como eu, quando a aluna, meus alunos também não tinham contato com teatro nas aulas de artes.

Eu e minha colega, Natália de Souza Machado(Nati), parceira de Estágio Supervisionado de Docência em Teatro I - Ensino Fundamental, realizamos nosso projeto de estágio pensando em montar cenas com os alunos para serem compartilhadas entre eles, mas para isso seria necessário apresentar-lhes os diferentes elementos que o teatro utiliza, como: figurino, cenário, atuação, direção, maquiagem, texto, técnica, roteiro e demais recursos.

No decorrer desse projeto, retomamos uma ideia que nasceu durante o ano de 2021. Na época, em um encontro informal de amigos, começamos a resgatar da memória nossas participações em festivais de teatro. Assim, falávamos da importância de eventos na nossa escolha em ser artista, de como era gostoso estar naqueles espaços, com pessoas diferentes e vendo trabalhos diversificados. De repente, em meio a nossa conversa, chegou a “senhora incerteza”, pensávamos: “afinal, já estávamos nos encaminhando para o final do curso, então, como iríamos nos inserir no mercado de trabalho depois da faculdade?”. Ainda sobre a nossa conversa, iniciamos um diálogo:

- *EU: “Nós poderíamos produzir algo e inscrever em alguma lei de incentivo à cultura.”*
- *PEDRO(colega da faculdade): “Mas o que exatamente?”*
- *NATI: “E se nós criássemos um festival?” Assim, juntamos nossa saudade, a*

um meio de ganhar dinheiro com a nossa profissão.”

Na época parecia um sonho, mas como eu disse anteriormente, isso voltou a pairar sobre nossas cabeças quando chegamos ao estágio.

Movidas por três acontecimentos, o primeiro quando um dos nossos alunos falou em aula que seria legal que eles fossem premiados, “igual aqueles prêmios dos melhores do ano”, referindo -se ao Globo de Ouro.¹

O segundo ponto surgiu com a rotina da escola em que estávamos estagiando e a participação dos eventos que ocorriam com a comunidade. Percebemos que os alunos das séries finais do colégio não participavam das festividades da escola, o que ocasionava na não participação de seus pais que também são parte da comunidade escolar.

E por fim, o terceiro motivo, muito importante para uma iniciativa neste projeto, foi quando um aluno nos indagou sobre quando nós, professoras/artistas, apresentaríamos algo para eles, já que eles estavam criando cenas e nunca tinham assistido a uma apresentação teatral.

Juntamos estes três acontecimentos e acendeu uma “luzinha” em nossas cabeças. Já que nosso projeto de estágio era facilitar a criação de cenas e prepará-los para uma amostra entre as turmas em que estávamos trabalhando, começamos a mergulhar mais na ideia, e os “e se”, foram aparecendo:

- *NATI: E se eles apresentassem para todos do colégio?”*
- *EU: E se eles apresentassem em alguma data comemorativa da escola”*
- *NATI: E se a gente convidasse as turmas dos nossos colegas de estágio para assistirem?”*
- *AS DUAS: “e se...”, “e se...”, “e se....”*
- *EU: E se a gente oferecer oficinas de teatro e criar grupos para participar de um festival?”*

¹ O Globo de Ouro é uma premiação anual organizada pela Associação de Imprensa Estrangeira de Hollywood, onde 87 jornalistas membros dessa associação votam em diversas categorias que envolvem produções do cinema e da televisão.

2 Separamos as tarefas e iniciamos a preparação do Festival

Considerando que já estávamos dando início ao nosso TCC, apresentamos a ideia à nossa orientadora, Miriam Benigna Lessa Dias, que se animou com a proposta.

Dessa forma, eu e Nati dividimos as tarefas, cada uma seria encarregada de uma parte, mas sempre ajudando e complementando o trabalho da outra.

Ela ficou com a parte da produção do Festival, criou uma equipe de trabalho, buscou apoiadores, fez diversas reuniões, e organizou o evento, que ficou marcado para os dias 11 e 12 de agosto de 2023.

E eu fui para as escolas, ministrar aulas e oficinas, meu objetivo era levar grupos de teatro para esse evento, e dar a eles a oportunidade de fazer teatro, mostrar suas produções e também assistir peças teatrais, formando novos espectadores e frequentadores de teatro.

Como a ideia do festival surgiu junto com o primeiro estágio, tive a oportunidade de ir “costurando” um estágio a outro e preparando desde cedo o que eu gostaria de abordar no meu TCC.

Dessa forma, a descrição do meu trabalho será em forma de relatório, contando como foi meu processo durante os estágios II e III, que resultaram na apresentação dos alunos no I Festival de Teatro Estudantil da Boca do Monte.

Antes de iniciar o relato dessa etapa, preciso situar essa leitura cronologicamente. A ordem de realização dos meus estágios foi Estágio Supervisionado de Docência em Teatro I - Ensino Fundamental, depois realizei o Estágio Supervisionado de Docência em Teatro III - Oficina de Teatro e, por fim, Estágio Supervisionado de Docência em Teatro II - Ensino Médio.

Meu Estágio I foi realizado durante o primeiro semestre de 2022, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Vicente Farenzena, localizada no Bairro Camobi em Santa Maria, dentro da disciplina de artes. Quando terminei minhas horas obrigatórias de estágio, alguns alunos demonstraram interesse em continuar fazendo teatro. Então conversei com os responsáveis da escola com o intuito de dar continuidade ao trabalho desenvolvido em forma de oficinas, que fariam parte do meu Estágio III. A escola aprovou, e no segundo semestre de 2022, eu abri duas turmas de teatro na escola, a Turma 1, que era composta por alunos com os quais

eu desenvolvi meu primeiro estágio. E a Turma 2, com novos alunos que queriam fazer teatro.

E meu último estágio, este no ensino médio, foi realizado no primeiro semestre de 2023, no Colégio Técnico Industrial de Santa Maria, também no Bairro Camobi. As aulas foram desenvolvidas dentro da disciplina de Artes, no primeiro ano do ensino médio e, nesse trabalho, me refiro a turma, como: Turma 3.

No ano de 2023 eu estava ministrando aulas em 3 turmas diferentes. Nas duas oficinas da Escola Vicente Farenzena, que continuaram sendo desenvolvidas depois que eu terminei as horas do estágio III. E na turma do ensino médio, no qual eu ainda estava fazendo meu estágio II .

3 Início das Oficinas

Para dar início às oficinas, fiz a divulgação do projeto pelas redes sociais da escola e nos grupos de *whatsapp*. Foram ofertadas duas turmas, uma com encontros nas sextas feiras para alunos de 13 a 15 anos (Turma 1) e outra turma nas terças feiras para alunos de 10 a 12 anos (Turma 2). Ambas as oficinas foram realizadas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Vicente Farenzena, no horário das 17hs 30 até as 19hs e 30.

A turma um (1) teve 8 inscrições, a maioria do 8º ano da escola, na qual eu já havia trabalhado no Estágio I com a disciplina de artes. E a turma 2 contou com 16 alunos.

A metodologia de uma turma em relação a outra foi diferente. Portanto, devido ao trabalho diferenciado com as turmas prefiro neste momento relatar individualmente o processo de cada uma, e suas especificidades na construção das peças que foram levadas para o festival.

3.1 A Turma 1 (T1)

A T1, como eu já mencionei acima, era composta por alunos com os quais eu já havia trabalhado na Escola Vicente Farenzena. Desta turma, me chamou a atenção que os alunos que se inscreveram e participaram das oficinas, foram os alunos que durante o estágio I não participavam tanto das aulas e eram mais retraídos.

Na primeira aula perguntei o motivo de terem se inscrito na oficina e as respostas variaram: “gostava das aulas de artes”, “quero perder a vergonha e o medo”, “queria jogar de novo os jogos das aulas de artes”, “comecei a gostar de teatro”, e a mais diferente era “no teatro eu posso ser quem eu sou, sem medo de alguém rir de mim, igual acontece lá fora”, essa resposta veio justamente de um aluno que ao iniciar na oficina pediu para que eu o tratasse pelo pronome masculino, sendo que fui professora dele no estágio I e durante esse período ele não tinha sinalizado o desconforto com o nome antigo, que era feminino.

Constato nestas oficinas de teatro, que elas proporcionam encontro entre jovens que possuem os mesmos interesses e assim trocam suas experiências e

aprendizagens construindo conhecimento da linguagem teatral com apoio do professor, como fala Viola Spolin.

A oficina teatral pode conceder liberdade pessoal e igualdade. Quando um indivíduo de qualquer idade reconhece que está prestando uma real contribuição a um projeto, sem autoritarismo, ele se torna livre para desenvolver seu humanismo e para se relacionar com os que o cercam. (Spolin, 2010, p.51)

Fiquei surpresa e bastante feliz com esse retorno positivo da minha primeira experiência em sala de aula.

Devido ao contato anterior dos alunos, no Estágio I, eles já conheciam alguns jogos e, inclusive, me pediram para fazer alguns em específicos. Ao final de cada jogo buscava questioná-los sobre como o jogo os despertava corporalmente, qual era o estado da respiração, de concentração, e quais as dificuldades ou facilidades de cada um. No início das oficinas os educandos não tinham tantas percepções acerca disso, mas com o passar do tempo, com a repetição dos jogos e com a indagação frequente, o debate foi crescendo.

Num segundo momento, quando propus a divisão da turma entre atores e espectadores, percebi o desconforto deles, a maioria preferia sempre estar na platéia e nunca em cena.

Para o que está iniciando a experiência teatral trabalhar com o grupo dá segurança, por um lado e, por outro lado, representa uma ameaça. Uma vez que a participação numa atividade teatral é confundida por muitos com exibicionismo (e portanto o medo de se expor), o indivíduo se julga isolado contra muitos. Ele luta contra um grande número de "pessoas de olhos malevolentes", sentadas, julgando seu trabalho. O aluno se sente constantemente observado, julgando a si mesmo e não progride. (SPOLIN, 2010, p. 9)

Atenta a este fato citado acima, notei que meu trabalho nesta oficina, além de trabalhar as habilidades teatrais, tais como interpretação, expressão corporal, improvisação e trabalho em equipe, teria também de ajudá-los a desenvolver a confiança, autoestima, criatividade e habilidades de comunicação, como ressalta Reverbel (1996, p. 25) "O educador deverá adaptar o ensino a cada momento, a cada criança e a cada grupo".

Para dar continuidade às aulas, marquei nossos demais encontros no Centro de Artes e Letras da UFSM com a intenção que eles conhecessem e se aproximassem deste local, pois as salas tem um amplo espaço, tem a possibilidade de estabelecer a divisão entre o palco e a plateia, tem luzes teatrais disponíveis no

espaço, coxias² para serem utilizadas, e isso levava os alunos a ter o contato com o ambiente profissional.

Foi uma novidade! Ao entrar na sala 1220, os alunos ficaram extasiados, correram de um lado ao outro por pelo menos 10 minutos, apagavam as luzes para ficar totalmente no escuro, entravam e saíam das coxias, soltavam a voz pra ver como ela preenchia o espaço, e a pergunta era: “nossas aulas podem ser sempre aqui?”.

A reação deles ao sair da sala de aula da escola, que é pequena, cheia de classes arredadas para os cantos, toda branca e “pálida” com elementos como o quadro, classes, as cortinas que são clássicas de escola, para esse espaço novo, possibilitou a ampliação da visão estética deles de “sala de aula”, porque eles estavam em uma sala de aula diferente da que eles costumam usar. Isso também os deixou curiosos sobre o curso de teatro e o “que a profe aprende?”.

Agora que os alunos estavam nesse novo espaço, comecei com as improvisações, neste momento, o grupo já estava mais solto e à vontade com os colegas, mesmo assim fui direcionando para a cena vagarosamente, pois eles tinham bastante dificuldade com improvisado. Fiz muitas vezes o jogo de “Imagem e Ação”, no qual os alunos são separados em grupos e representam para seu grupo o nome de um filme em um curto espaço de tempo, esse jogo era o que mais dava certo na turma, pois eles tinham muitas referências cinematográficas, devido as plataformas digitais, e pude perceber o gênero que era mais conhecido por eles, e apesar de adolescentes, muitos gostavam de assistir a filmes infantis de animação.

Através da familiarização com os jogos, a técnica teatral foi sendo assimilada e isso levou à familiaridade da turma com o teatro. Meu próximo passo foi trazer novos estímulos para que os alunos vivenciassem diferentes situações teatrais

Os jogos são baseados em problemas a serem solucionados. O problema a ser resolvido é o objeto do jogo que proporciona o “Foco”. As regras do Jogo Teatral incluem a estrutura dramática (Onde, Quem, O Quê) e o objeto (Foco), mais o acordo de grupo. Para ajudar os jogadores a alcançar uma solução focalizada para o problema, Spolin emprega a técnica de “instrução”, através da qual encoraja o jogador a conservar a atenção no foco. Dessa forma, estrutura o jogo intervindo com comentários que constantemente mantém o jogador em contato com a realidade objetiva.(Spolin, 2004, p. 12)

² Espaços de serviço e circulação não visíveis ao público, localizados nos extremos laterais e de fundo do palco, determinando o movimento de cenografia e acesso de atores

Seguindo a autora Viola Spolin citada, propôs a criação de cenas com as indagações “Quem? Onde? E o Que?”, os quais os alunos já conheciam e já haviam trabalhado individualmente em cada jogo. Percebi uma “trava” dos alunos quando mudei as propostas, eles gostavam muito de jogos que eles mexiam o corpo, corriam, eles gostavam de “brincar”, e isso se dava provavelmente pela falta disso na idade que eles possuíam atualmente.

O grupo em sua maioria se encontrava no último ano do ensino fundamental, e estavam se preparando para as provas de processos seletivos para entrarem em instituições no âmbito do Sistema Federal de Ensino, da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, subordinada ao Ministério da Educação. Em que a finalidade é a oferta de educação profissional e tecnológica, de modo a articular as dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia. Por esse fato, eles tinham aulas durante a manhã, e à noite cursinho de 4 horas todos os dias da semana, o que tornava a rotina exaustiva. O teatro passou a ser o lugar de refúgio dos alunos, “uma terapia” como eles mesmo diziam.

Os alunos eram de uma idade que precisavam reafirmar para si mesmos que não eram mais crianças, havia uma necessidade intrínseca de parecer maduros e de ter aprovação em várias esferas: família, escola, entre os amigos, e isso fica ainda mais forte devido o uso das redes sociais. Tudo isso parece fazer parte de uma cultura de julgamento enraizado na nossa sociedade. Reafirmo o que Viola Spolin já havia notado, que vivemos “Numa cultura onde a aprovação/desaprovação tornou-se o regulador predominante dos esforços e da posição, e frequentemente o substituto do amor, nossas liberdades pessoais são dissipadas.”(2010, p. 6).

E é por isso que o teatro precisa proporcionar este espaço de liberdade, de acolhimento e respeito entre todos. Nossas oficinas foram marcadas com momentos de desabafos da turma a cada início de aula, no qual contavam as coisas que estavam acontecendo de bom ou ruim. Por causa disso, me senti privilegiada pela relação que criei com eles, pelo fato deles se sentirem à vontade para conversar comigo como amiga. Freire (2015) reflete e diz, o professor que acolhe o aluno cria um laço de comprometimento e atrai para si a confiança desse educando. Dessa forma, saber escutar é importante para a construção de uma relação em que o aluno percebe no professor um lugar de fala, um lugar para expressar-se, para compartilhar de sua vivência, “[...] é escutando que se aprende a falar com ele” (Freire, 2015, p. 111).

Voltando a proposta de aula, com as criações de cenas curtas, percebi que a imaginação do grupo parecia bloqueada, eles tinham muita dificuldade em criar, seja personagens, histórias ou situações. Muitas vezes eu sugeria ideias e eles ficavam imóveis, sem realizar nenhuma ação.

Com a falta de ideias demonstradas pelos alunos, mudei a estratégia das aulas e retomei aos jogos mais básicos, de imaginação coletiva, fenômenos da natureza, criação de personagens a partir de figurino, contos de fadas com finais alterados por eles, histórias continuadas e, assim, percebi que faltavam referências teatrais ao grupo, pois, apesar deles assistirem a muitos filmes e séries, isso muda totalmente quando se trata de teatro.

Em paralelo às oficinas e como maneira de incentivá-los pelo teatro, passei a divulgar as apresentações dos acadêmicos do Curso de Teatro e Artes Cênicas da UFSM, convidá-los a irem participar e assistir. Foi de grande satisfação recebê-los no CAL (Centro de Artes e Letras) junto de suas famílias. Sempre que havia uma apresentação na qual os alunos demonstravam interesse em assistir, eu era avisada por mensagem e nos encontrávamos em frente ao prédio para assistirmos juntos.

A integração das atividades propostas na sala de aula com a ida aos espetáculos teatrais possibilita à criança e ao adolescente o desenvolvimento da capacidade expressiva e maior domínio da linguagem teatral, ampliando sua compreensão do jogo de cena e aprofundando sua capacidade de entendimento da obra. (Desgranges, 2003, p. 73)

Essa experiência de assistir a peças de teatro na universidade contribuiu para que eles trouxessem referências para o teatro e apresentassem inúmeras soluções cênicas nas oficinas com novas ideias para cenas. Foi uma aprendizagem estimulada e enriquecida pela experiência de espectadores.

Esse também foi um momento de integrar a família às oficinas,

A aprovação, o apoio e o incentivo do meio familiar são importantes para que a criança integre o teatro como rico e prazeroso hábito cultural. [...]. Essa iniciativa possibilita, ainda, que muitos adultos que nunca foram ao teatro travem um primeiro contato com essa prática artística. (DESGRANGES, 2006, p. 81)

Assim, os pais além de virem assistir às peças junto aos filhos, passaram a frequentar e assistir aos filhos fazendo aula e se entusiasmaram com isso, incentivando os mesmos a participarem. Diversas vezes os pais vieram conversar comigo e dar *feedbacks* da experiência dos filhos e deles mesmos acerca das oficinas de teatro.

3.1.1. Construção da peça para o Festival

Findando o ano de 2022, sobretudo o ano letivo, a turma entrou em férias, e no retorno das aulas no ano de 2023 tivemos algumas desistências e novos integrantes. No início fiquei com um pouco de medo em receber novos alunos, pois teria que começar um trabalho de iniciação teatral com os novos participantes uma vez que os demais alunos já tinham uma vasta experiência.

No momento que iniciamos as oficinas, percebi que os alunos mais velhos, com mais experiência, visto que eu já dei aula para eles, foram bastante simpáticos com os iniciantes, assim, de uma forma espontânea, os mais experientes ajudavam os iniciantes, demonstravam para os novos colegas as atividades propostas e isso facilitou muito na integração do grupo.

Uma das alunas novas tinha apenas 10 anos e estava acompanhando o irmão de 15 anos. Quando retomei a proposta de criar cenas, essa aluna se destacou. Ela tinha facilidade em criar e imaginar coisas diferentes enquanto os mais velhos demoravam mais e optavam por cenas mais realistas, o que foi mudando quando contracenaram com ela.

Isso pode ser porque durante a adolescência, os jovens frequentemente passam por mudanças emocionais e sociais significativas. Eles podem estar mais preocupados com a forma em que são percebidos pelos outros, o que pode afetar sua capacidade de se entregar completamente à experiência teatral. Enquanto a aluna mais nova, pela sua idade, tem a mente mais aberta e curiosa. Crianças mais novas podem ser naturalmente inclinadas a explorar o mundo e a usar a imaginação de forma criativa. Geralmente não têm a mesma autoconsciência que os adolescentes e adultos. Eles não se preocupam tanto com o que os outros pensam deles e, portanto, estão mais dispostos a se entregar à fantasia e à imaginação.

Voltando ao relato, a diferença e a evolução apareceu de imediato, dessa vez os alunos estavam mais espontâneos e demonstravam maior imaginação, tenho como hipótese que a temporada de espetáculos assistidos teve seu efeito. A visualidade de estéticas teatrais era algo que faltava para muitos deles, pois, embora estivessem fazendo teatro, muitos deles nunca tiveram a oportunidade de assistir algo até o momento.

Com a perspectiva da participação no Festival de Teatro Estudantil da Boca do Monte, acreditei que já era chegada a hora de começarmos a pensar em uma

peça. Nesse ínterim, expus para eles a proposta de se apresentarem no evento. Eles adoraram a ideia e logo aceitaram.

Ao perceber o entusiasmo dos alunos em se apresentarem no festival, sugeri dois textos dramáticos para a turma.

Os textos eram bem diferentes um do outro, o primeiro se chamava “Um Assalto Inusitado”, do autor Alan Balbino. Era uma comédia curta sobre uma família que era assaltada.

O outro era mais longo e reflexivo, se chamava “Outra vez...Era uma vez”, escrita por André Filho, tratava-se de um poeta adulto que não conseguia mais escrever por falta de imaginação, então os seus antigos personagens, crianças, “saíam” do livro para ajudá-lo.

A turma ficou dividida entre as opções, não conseguiram entrar em um acordo sobre qual escolher, portanto, começamos a discutir quais eram os pontos favoráveis e negativos de cada uma das peças.

Percebemos que a primeira, apesar de ser mais fácil de decorar o texto e de os personagens serem suficientes para a quantidade de alunos, só causava riso pelas cenas inusitadas de agressividade, pelo vocabulário burlesco e, todavia, também, não se encaixaria na apresentação do festival, porque, para o festival, a peça, obrigatoriamente, deveria ser de classificação livre, uma vez que seria assistida por crianças das mais variadas idades.

Já a segunda peça era longa e o texto teria de ser adaptado para que mais dois personagens fossem criados, mas se encaixava mais ao público ao qual seria apresentada, essa peça também tinha algumas falas problemáticas, que teriam que ser revistas, algumas cenas teriam que ser adaptadas e outras cortadas para que não ficasse tão longa, mas era a melhor opção. O grupo entrou em acordo e optou pela segunda opção.

Fiquei feliz pela escolha dos alunos, pelo debate estabelecido, por pensarem no público que iria prestigiá-los e optarem por um texto que, na minha percepção, definia muito os anseios que eles mesmos estavam passando, como as dificuldades em imaginar, criar, exercitar a imaginação.

Com o texto definido, os ensaios começaram. Até então me coloquei apenas como professora “Como professor, ele se focaliza no aluno-ator individualmente e nos problemas para ajudá-lo a experienciar. [com essa nova etapa, me posiciono também como diretora] Como diretor, ele se focaliza na peça e em qual problema

usar para dar vida a ela.” (Spolin, 2010, p. 286). Esse posicionamento de professora/diretora aconteceu com as demais turmas também.

Tínhamos uma hora e meia por aula. O início era sempre marcado pelo aquecimento e por jogos específicos para criação das cenas e aperfeiçoamento delas

[...]o período de ensaio pode ser dividido em três partes. A primeira parte é para aquecer os atores e o diretor, para estabelecer as bases dos relacionamentos e atitudes em relação à peça e aos outros. A segunda parte é o período espontâneo criativo - as sessões de escavação, onde todas as energias são canalizadas para o completo potencial artístico. A terceira é para polir e integrar todas as facetas da produção numa unidade." (Spolin, 2010, p. 295)

A peça era bastante dinâmica e todos os personagens ficavam em cena o tempo todo. A definição de cada personagem foi feita pelos próprios alunos.

Inicialmente não entreguei o texto para nenhum deles, não queria que ficassem presos a decorar e esquecessem do corpo em cena.

Cada parte da peça foi construída a partir de brincadeiras como o “pega-pega”, “esconde esconde”, “mímica”, e outros jogos, pois queria que eles se sentissem espontâneos e se divertissem em cena.

O trabalho com o texto começou com a leitura e a definição do contextos de cada cena, e depois disso partimos para as improvisações. Assim eles foram criando pequenas partes em conjunto, conduzidos por situações, em que eu ora narrava, ora perguntava, como por exemplo: “onde eles estavam, o que estava acontecendo, como estavam se sentindo”, remetendo aos “O QUE? QUEM? ONDE” de Viola Spolin. E assim, foram nascendo ações e textos falados e criados por eles mesmos que foram posteriormente incluídos na peça.

Para dar continuidade e identificar os personagens, pedi para que cada aluno imaginasse e descrevesse o seu personagem com as características que mais achavam que era “a cara” do seu personagem, escolhessem a cor que os representava, a emoção, e assim por diante. Posteriormente, cada um escreveu uma rima apresentando seu personagem.

Essa definição de personalidade do personagem fez com que eles se permitissem mudar e sair das ações cotidianas que estavam habituados, com movimentos amplos e expansivos, se movimentando com maior expressividade no palco.

O texto era decorado aos poucos, sem o papel em mãos, eu preferia dizer o texto aos alunos, para que eles fossem repetindo, ou descrevia a situação para que eles inventassem com suas próprias palavras e reações, dessa forma, estimulando a imaginação deles.

A tendência, muita das vezes, das pessoas que não conhecem o teatro é pensar o seguinte: “é só pegar um texto e decorar”, geralmente isso acontece nas escolas onde não há professores de teatro e essa “[...] memorização prematura cria padrões rígidos de fala e gestos que são sempre muito difíceis (algumas vezes impossíveis) de se modificarem.”(Spolin, 2010, p.303).

Os alunos levaram o texto pra casa depois que eles já tinham definido e memorizado a intenção de cada cena. Frisei a eles que o texto era um diálogo com muitas pessoas, por isso, era necessário escutar o que o colega falava para que pudessem responder e dar continuidade a esse diálogo, do mesmo modo quando alguém esquece o que vai falar, se a outra pessoa sabe, pode falar no lugar deste e isso ajuda os demais a se sentirem seguros, pois eles fazem parte de um grupo e a peça só funcionaria com todos juntos e atentos.

Quando começamos as repetições das cenas, os alunos perderam um pouco do brilho no olhar, mas todos entendiam a importância dessa repetição, de lapidar as ações, dessa forma, entenderam que a repetição os ajudava a associar os movimentos e também as ações que, ainda, estavam oscilando. Quando algum aluno faltava, todos ficavam desanimados, porque sabiam que, na ausência de algum integrante do grupo, todos acabavam prejudicados.

Chegou a fase de escolher os figurinos, a turma já estava ansiosa para saber que roupas iriam usar. Fizemos, em conjunto, uma pesquisa de referências na internet de imagens e possibilidades para figurinos, levando em consideração qual a personalidade de cada personagem. Após esse levantamento levei- os até o Laboratório de Figurinos do CAL.

A reação dos alunos foi mágica ao entrar na sala, eles já tinham muitas vezes feito improvisação com figurinos que eu levava para as aulas, mas entrar no espaço e ver a quantidade de coisas que podiam experimentar deixou seus olhos brilhantes. Eles experimentaram de tudo, até o que não cabia aos seus personagens, deixei livre para que eles escolhessem, no entanto, pedi a eles que antes de definirem, conversassem com todos para que existisse um consenso e, assim, nenhum ficasse destoado do padrão estabelecido na nossa pesquisa.

As escolhas dos figurinos foram muito conscientes, uns ajudavam os outros, também desfilaram, se movimentaram com a roupa no corpo para saber se a roupa não os limitavam nos movimentos e se divertiram muito. As roupas que precisavam de ajustes foram deixadas comigo para que eu costurasse e fizesse os ajustes conforme o tamanho adequado. Cada um levou seu figurino para casa e, toda vez que eram usados os figurinos nos ensaios, eles tinham a responsabilidade de trazer, isso criará neles o hábito de cuidar do seu material usado na peça.

Os objetos usados em cena, anteriormente apenas imaginários, também foram trazidos e utilizados nos ensaios como, por exemplo, os livros, bonecos de animação, entre outros.

Com o auxílio de uma colega da universidade, começamos a pensar na iluminação. Mesmo não tendo os aparelhos adequados para experimentar nas cenas, fomos conversando com os alunos sobre posicionamentos no palco e foco de luz, cores representativas para cada brincadeira, e sobre como a luz iria limitar o espaço do palco, então eles teriam que prestar atenção durante a peça e perceber quando eles estavam sob luz ou não. Todas essas orientações seriam revistas no ensaio geral.

Quanto à sonoplastia, tínhamos bastante músicas cantadas, e os alunos tinham vergonha em soltar a voz, então fizemos ensaios específicos para exercícios de voz, respiração, relaxamento e ritmo. Também fazemos marcações coreografadas com as músicas.

Nossa última mudança foi no nome da peça, que passou a se chamar “Era uma vez, outra vez”, isso se deu sem que percebêssemos, pois sempre falávamos esse nome em vez do nome oficial. Como já havíamos modificado bastante o texto e já não estava igual ao original, resolvemos assumir a mudança do nome da peça também.

Próximos ao Festival a euforia tomou conta do grupo, os ensaios se intensificaram, passando a ter mais de um encontro na semana a pedido dos alunos. As preocupações em esquecer o texto, que ainda acontecia de vez em quando, o medo dos olhares da plateia e a ansiedade fazia-se nítida, era o famoso “frio na barriga”, todos queriam compartilhar com família e amigos o trabalho realizado.

3.2 A Turma 2 (T2)

A Turma 2 (T2) tinha o anseio por atuar. Quando questionados sobre a expectativa que tinham com a oficina, responderam que gostariam de montar uma peça, interpretar personagens, conhecer as “técnicas de atuação”, tinham a ideia de se tornarem “atores de novela”.

Quem estuda teatro sabe a importância do trabalho com jogos, mas quem é o receptor das instruções e está tendo o primeiro contato com o teatro, pode questionar e ter visões distorcidas tanto do ato de fazer teatro quanto dos jogos. Essas falas dos alunos faz eu me lembrar de um relato de Ingrid Koudela no livro de “Jogos Teatrais” , no qual os alunos respondiam sobre o que achavam que era teatro

- Esperava saber como começa (a fazer teatro)
- Eu queria saber o que existe dentro de tudo isso (do teatro)
- Pensava que fosse representar, fazer algo maior.
- Pensava que ia estudar texto e formar um personagem.
- No começo eu pensei que eles (os orientadores) iam testar a capacidade de cada um e decorar textos depois
- Eu pensei que ia sair daqui sendo alguma coisa. (1984, p. 79)

Percebemos nestes relatos o anseio dos alunos de Koudela em montar uma peça, porém pensando sempre em um produto final, sem se dar conta que para chegar a esse resultado, há uma série de investigações do corpo, do movimento, da fala, espaço entre outros. Nesse primeiro contato com a nova turma, me deparei com a mesma situação e precisava trabalhar de forma que os alunos entendessem esses fundamentos do teatro, por mais que meu objetivo fosse criar uma peça com eles para ser apresentada no Festival.

Ao longo dos encontros das terças feiras, o primeiro momento da aula era a organização do espaço. Assim, como as aulas eram em salas da escola, era necessário mover as classes para que o meio da sala ficasse livre para a prática. Os alunos já conheciam a rotina e sempre ajudavam nessa organização, de ver a sala de aula transformada em palco de teatro, isto os auxiliava a compreender o que é o espaço teatral.

Sempre iniciei as aulas com jogos de aquecimento e alongamento, frisava a importância de “ acordar o corpo” para as aulas. Spolin (2004, p. 46) frisa a importância do aquecimento regular antes de dar início aos ensaios. Ela ressalta que ao longo do aquecimento o ator vai deixando de lado as distrações externas e traz energia ao corpo. Como os alunos participavam de muitas oficinas ao longo da

semana, de musicalização, de capoeira, robotização, dança, entre outras que a escola oferece, eles tinham muitas referências de aquecimentos corporais, e quando iniciados os alongamentos sempre traziam movimentos de outras aulas para experimentarem no Teatro, o que ajudava bastante, porque conduzia a atenção deles para o momento da aula, visto que eles eram muito agitados e, provavelmente, parte dessa agitação dava-se pela oficina ser logo depois da aula regular.

Trabalhei com os mais variados jogos teatrais, os jogos teatrais são uma das formas de preparar o aluno ator a compreender a linguagem teatral. O ato de jogar estimula o corpo, coloca em evidência a criatividade na solução de problemas, faz o aluno interagir com o espaço e com o que o rodeia. É através do jogo que se elevam as habilidades do jogador e trabalha suas dificuldades para que evoluam ao acerto. Os jogos são uma forma efetiva para criar o espírito de grupo, de confiança. A professora e pesquisadora de teatro, Miriam Benigna Lessa Dias ressalta que

O senso crítico deve ser estimulado gradativamente, a começar pela percepção do próprio corpo. Deve-se propor atividades e situações em que o aluno possa se sentir seguro, tranquilo, através de jogos que proporcionem essa descoberta, sem a preocupação do ridículo perante o grupo; precisa sentir a tranquilidade de "fazer e desfazer" ou refazer, construindo sua própria caminhada de relacionamento com o outro, e consigo mesmo; precisa reconhecer-se, com o próprio corpo, e com relação ao espaço que este ocupa, auxiliando o reconhecer o outro e o espaço do outro. (Dias, 2000, p. 10)

Entre muitos jogos, os que mais faziam sucesso na turma eram os que trabalhavam a sua imaginação e a criação de uma narrativa. Experimentei muitas vezes jogar com eles, criar junto os espaços imagéticos para explorar durante os exercícios. Trabalhava bastante com o jogo "história continuada": em que um aluno começava a história, e outro continuava, e assim sucessivamente até o último aluno.

Esse jogo foi sendo adaptado e conduzindo muito das aulas, no qual nossos movimentos e exploração de níveis do corpo, de voz, de velocidades eram alterados conforme a história que estávamos inventando e imaginando, partia deles o envolvimento e a necessidade de imaginar muitas coisas.

Nessa oficina encontrei alunos que já fizeram teatro e alunos que nunca tiveram esta oportunidade, e o que os unia uns aos outros era o interesse em fazer e conhecer essa arte.

O primeiro desafio era fazer com que estes integrantes se reconhecessem como grupo. Viola Spolin (2010, p.09) ressalta que "[...] quando atua com o grupo, experienciando coisas junto, o aluno- ator se integra e se descobre dentro da

atividade.". O grupo unido e em mesma sintonia promove um ambiente de acolhimento para aqueles que nunca fizeram teatro, deixando estes mais seguros para experimentar. O teatro precisa do bom relacionamento com os colegas, isto é essencial para que o jogo aconteça, para que a criatividade surja.

Após essa condução do grupo, de criar e imaginar, começamos a trabalhar a improvisação em cena. Pelo nosso espaço ser muito pequeno, sempre dividimos o grande grupo em dois, assim, sempre que alguém estivesse em cena, haveria alguém na plateia.

Esse exercício evidencia com frequência a presença de uma platéia, pois leva os alunos a construírem o seu trabalho pensando em mostrar para alguém que irá assistir. Spolin (2010. p.11) acredita que "O papel" da platéia deve se tornar uma parte concreta do treinamento teatral. Na maioria das vezes, ele é tristemente ignorado."

A partir desta divisão entre o público e o os atores, também começaram a serem introduzidas palavras utilizadas no teatro em relação a espacialidade e outros fenômenos, como: o que é a "boca de cena", coxias, sonoplastia, também o significado das "três batidas" e expressões mais específicas do teatro como "jogo entre os atores". Foi um processo bastante significativo, pois estas palavras surgiram porque eu estava habituada com elas e acabava falando, e eles me questionavam o que significava e foram se familiarizando.

Trabalhar com criação de cenas foi um sucesso entre eles, porque eles gostavam e elaboravam com muita facilidade. Eu sempre trazia objetos variados como: chapéus, guarda-chuva, tecidos, entre outros, para a exploração. Com o tempo eles começaram a buscar outros objetos que estavam disponíveis na sala, ou até traziam de casa.

Às vezes, chegavam com enredos prontos para experimentar na cena, demonstrando a construção e a utilização do que já haviam trabalhado em outras aulas ao longo dos encontros.

Os alunos se preocupavam com o corpo do personagem que estavam criando, consideravam as características da voz, do caminhar e a velocidade na improvisação.

Também era pensado em como a plateia estava vendo, se estavam gostando e como seria melhor representado para que todos compreendessem.

Além disso, dedicavam atenção ao cenário, frequentemente improvisado com classes e cadeiras da sala, estabelecendo a concentração nos bastidores e delimitando o espaço da sala.

Era notável a consciência do progresso que alcançavam e do quanto estavam crescendo nas aulas de Teatro.

O aluno consciente do seu processo, do seu corpo, do que está fazendo em cena, para quem está fazendo e de como chegou a determinados resultados dentro do teatro, é o aluno que está apto a atuar, pois se expressa com segurança, utiliza seu espaço e corpo com propriedade, a criatividade aflora com facilidade, e o jogo auxilia e possibilita todo esse desenvolvimento e espontaneidade.

O crescimento ocorrerá sem dificuldade no aluno-autor porque o próprio jogo o ajudará. O objetivo no qual o jogador deve constantemente concentrar e para o qual toda ação deve ser dirigida provoca espontaneidade. Nessa espontaneidade, a liberdade pessoal é liberada, e a pessoa como um todo é física, intelectual e intuitivamente despertada. Isto causa estimulação suficiente para que o aluno transcenda a si mesmo - ele é libertado para penetrar no ambiente, explorar, aventurar e enfrentar sem medo todos os perigos. (Spolin, 1984, p. 05)

O tempo de duas horas de aula, parecia acabar em 5 minutos quando a aula estava “massa”, como dizia meu aluninho de 7 anos.

Para quem estava na “platéia” assistindo aos colegas, também era um momento de aprendizado e muita observação, pois depois de experimentado e apresentada as cenas, era realizado um momento de debate, onde eram feitos elogios e apontamento. No debate se exercita a observação, o espírito crítico, um dos maiores significados do teatro que é uma arte essencialmente grupal.

Ingrid Koudela (1984), ressalta que apesar de a platéia distinta não existir em um primeiro momento, é fundamental que seja introduzida a relação entre ela e o ator. A introdução da avaliação, desde os primeiros jogos, assim como o “Ponto de Concentração”, o quanto o aluno está envolto no problema a ser solucionado, precisa ser trabalhada crescentemente desde os primeiros encontros.

As perguntas levantadas durante a avaliação são objetivas. O orientador propõe perguntas diretas que são respondidas por todos, inclusive por ele mesmo. ‘Qual foi o objeto que eles comunicaram para nós?’, ‘Onde eles estavam?’, ‘Quem eles eram?’, ‘O que estavam fazendo?’, ‘ Eles solucionaram o problema?’. ‘ A concentração foi completa ou incompleta?’” (Koudela, 1984, p.46)

Dessa forma a possibilidade de levantar sugestões durante o debate estabelecido em grupo após assistirem um colega em cena ou eles mesmo irem

para a cena, faz com que sejam provocados a fazerem suas próprias interpretações, assimilando os signos, fazendo comparações, levantando possibilidades de como fariam determinada ação, entre outras maneiras de estender seu “olhar” sobre uma criação. Assim, o aluno passa a ser um espectador e consegue elaborar suas próprias percepções da peça e

[...] gradualmente, os observadores vão adquirindo conhecimento técnico e ampliando seu vocabulário. Pouco a pouco, as expressões limitadas, como “gosto” e “não gosto”, isto é, os julgamentos sumários, perdem o sentido; os alunos analisam os trabalhos dos companheiros com maior propriedade, explicando os “porquês”. (REVERBEL, 1997, p. 30)

A análise aprofundada das cenas improvisadas por eles e o debate com maiores argumentos, torna-se mais complexa à medida que os jovens aumentam seu envolvimento com o teatro, intensificando sua concentração e atenção no que ocorre no palco.

E assim o jogo que acontece no palco pode se estender a plateia, na qual a comunicação entre os jogadores acontece e a platéia responde a essa comunicação.

Muitas vezes os alunos faziam o exercício de refazer a cena após os debates, agora com ajustes apontados pelos espectadores, às vezes dirigidos pelos colegas, ou também , quem estava na platéia refazia a cena do grupo que tinha assistido, mas com outras características.

Quando o aluno observava como espectador, e depois ia para a cena, suas ações no palco tomavam outras formas. Ele pensava em soluções para a atuação, com a visão de espectador, pois sabe que

Cada técnica aprendida pelo ator, cada cortina e plataforma no palco, cada análise feita cuidadosamente pelo diretor, cada cena coordenada é para o deleite da platéia. Eles são nossos convidados, nossos avaliadores e o último elemento na roda que pode então começar a girar. Ela dá significado ao espetáculo. (Spolin, 1984, p. 11)

Esse exercício de ver o colega em cena sensibiliza os alunos para que entendam a importância que a platéia traz ao teatro e que as reações de um espectador são inúmeras de acordo com cada pessoa.

O ator- espectador cada vez que se encontra no espaço teatral, mais ele descobrirá sobre o papel que o espectador desempenha. “Ao compreender o jogo de cena e suas regras, o aluno adquire consciência de que, se o espectador não faz seu papel, não há jogo.”(Desgranges, 2003, p.75).

Após propor muitas práticas teatrais aos alunos , de oportunizar exercícios para estimular a imaginação, a espontaneidade, o jogo teatral, o significado do espectador para o teatro, avancei nos meus próximos objetivos .

3.2.1 Adaptação de um Livro Infantil para texto teatral e construção de uma peça para o Festival

O anseio dos alunos por montar algo e trabalhar com um texto era grande, mas a oficina sempre recebia alunos novos, e não parava de aumentar o número de integrantes, ficando difícil de começar algo. Quando o número de alunos chegou a 18 e já não estavam mais cabendo na sala pedi para que não convidassem mais ninguém e avisassem a diretora da escola que a oficina estava lotada. Grupo definido, agora sim estávamos prontos para iniciar a criação de um espetáculo.

Observando a idade dos alunos, as suas improvisações e seu imaginário, me dei conta que eles tinham muitas referências do universo infantil, com histórias bastante fantasiosas e de aventuras.

Em uma visita na biblioteca da Escola Vicente Farenzena a fim de saber os livros que os alunos tinham acesso, notei que o espaço era bem pequeno, eles não possuíam um grande acervo e a maioria dos livros eram de histórias infantis. A partir desta visita, tomei a decisão de adaptar um livro, deixando a história próxima do que eles estavam habituados a retirar na biblioteca da escola.

O autor Celso Sisto, relata no artigo “Teatro do Livro: Caminhos para a encenação de uma obra Literária”, sobre o processo de dramatização de histórias de livros de literatura infantil

O processo da montagem cênica baseada em livros de literatura infantil se repartia em estágios: primeiro a elaboração do roteiro, feito a partir do texto literário. Em seguida, a improvisação de cenas, a partir desse primeiro roteiro. Depois, a experimentação e construção de personagens, até a definição final do elenco. (Sisto, 2015, p. 217)

Pensando nisso, iniciei a primeira etapa, e trouxe para os alunos o texto adaptado do livro “O Planeta Macambúzio”, que conta a história de um cientista e uma turminha de crianças que viajam da Terra até Macambúzios, um planeta que antes se chamava Da Vuld e agora, tinha sido tomado pelos Sovinóides, e eles haviam proibido as cores, a felicidade, e tudo que era bom e alegre. O mundo virou preto e branco e por todo lado havia palavra “NÃO”. Esse livro foi escrito por Ítalo Castelar, escritor e cancionista. Ítalo, ministra oficinas de incentivo à leitura para

professores do Ensino Fundamental e tem livros para o público infantil e infanto-juvenil publicados no PAIC – Programa Alfabetização na Idade Certa.

Foi uma empolgação, a turma estava ansiosa para a primeira leitura. Então, separei eles em grupos e pedi para que fizessem anotações quanto ao número de personagens, acontecimentos, qual era o conflito que existia no texto, onde se passava a história, entre outras coisas que achassem importantes.

Fui passando de grupo em grupo, para conversar e saber como haviam dividido a leitura, se estavam entendendo, e tirar suas dúvidas. Até que um dos grupos comentou que o texto tinha bastante referências ao fato histórico da Ditadura Militar no Brasil, e que essa “ditadura” quase foi retomada no ano de 2023, devido às eleições políticas brasileiras onde pessoas foram às ruas pedindo para que o Exército assumisse o poder do Estado, pois não estavam contentes com o resultado das votações.

Isso me surpreendeu devido a idade dos alunos, pois eles ainda não haviam estudado este conteúdo, “a Ditadura” na disciplina de história e também por eles estarem bastante informados e atualizados sobre o quadro político brasileiro. Quando questionados onde aprenderam sobre esses assuntos, eles falaram que os pais e avós tinham vivido o período militar e que contavam história sobre isso em casa, além de terem pesquisado por curiosidade.

Considero de extrema importância quando o aluno consegue fazer esses vínculos, fazer associações de um texto literário com a história brasileira. Isso mostra para eles que o teatro não está isolado, e que podemos utilizar dessa linguagem para nos expressarmos politicamente. Isso também demonstra o nível de interpretação que eles já alcançaram, que eles sabem o que estão lendo, o que estão representando, e que podem debater discordando ou não do assunto e assumindo um posicionamento.

Quando percebi que eles tínhamos identificado o tema, logo no início da leitura, percebi que o teatro estava contribuindo para que eles refletissem e racionalizassem suas ações tanto dentro das oficinas, quanto fora delas, possibilitando assim que venham a ser cidadãos melhores e conscientes.

Então, reunimos os grupos e começamos a discutir em conjunto, sobre esse assunto. Nessa conversa surgiram muitas histórias, as crianças menores não sabiam o que tinha sido esse período histórico, então deixei que os próprios alunos maiores explicassem sobre os acontecimentos ocorridos, interferindo quando

necessário, já que a linguagem e a forma de passar conhecimento deles para os alunos menores, eram mais próximas.

Dois alunos trouxeram para a discussão nomes de artistas exilados e músicas que foram escritas e censuradas na ditadura. Muitos ainda falavam de como era triste que na atualidade houvesse pessoas que pediam pela volta desse regime.

O debate foi ganhando espaço, e junto a ele, foram surgindo ideias para a peça. Os alunos sugeriram que tivessem um jornal, para falar sobre a censura da imprensa, que todas as músicas da peça fossem músicas da época ditatorial, e que seria legal se todos os personagens existentes no texto trabalhado, e que pertenciam ao Planeta Dominado, usassem vendas nos olhos (esse um pouco difícil de se realizar).

De imediato, sem que eu houvesse dito algo, os alunos já queriam experimentar as cenas e já haviam dividido os papéis de acordo com o que cada um queria ser e o que se sentiam à vontade, mas ainda faltavam algumas adaptações, pois a turma era “imensa” e na história não tinham tantos personagens.

Para contemplar toda a turma, multipliquei os personagens que pertenciam ao Planeta Macambúzios, existiam a Naura e a Neura duas moradoras do planeta antes dele ser tomado pelos sovinóides e que pediram ajuda ao planeta Terra, Ministra da Inveja Haja e Ministra da Inveja Kanata, Marechal Quadrado e sua Tropa de Quadrinhos.

Assim, nossos encontros passaram a ser de construção das cenas. Como a turma era grande e para que não perdêssemos tempo só com uma cena, eles se dividiram em núcleos e foram criando separadamente com seus companheiros de cena, fazendo movimentações “espelhadas”, que consiste em fazer duplas onde um integrante faz os movimentos iguais e simultâneos que o outro colega propõe, ensaiando as intenções da cena, entre outros exercícios. E eu ia circulando de grupo para grupo e vendo o que eles tinham descoberto, dando ideias, palpites e criando junto com eles.

A turma era ótima nas improvisações das cenas e eram muito criativos

A qualidade do que as crianças produzem em cena, em termos de imagem cênica e texto que verbalizam, está intimamente ligada à “riqueza” de seus imaginários. Quero dizer com isso que as crianças que têm uma maior bagagem de leitura, de convivência com o universo da fantasia (por exemplo, ambiente familiar de pais que contam histórias), são mais

propensas a entrar mais facilmente no jogo cênico e possuem mais ferramentas para enriquecer o fazer teatral. (Sisto, 2015, p. 226)

E o nível de estímulos à leitura e criatividade que eles recebiam em casa e na escola foi gradualmente evidenciado em suas experimentações com base na interpretação que tinham do texto. E ao final da aula, todos se reuniam para mostrar o que haviam criado aos demais e comentar as cenas. Esse exercício funcionava bastante já que os alunos sempre escutavam e se ajudavam, não havendo conflitos quando algo era criticado, eles entendiam como forma do colega ajudar e não como algo ruim.

Para Flávio Desgranges (2003, p. 73), o teatro é uma “via de mão dupla” e “Embora o objetivo, em geral, dos participantes seja ‘fazer teatro’, ver os outros jogadores em cena também faz parte do jogo.” Nesse momento eu aproveitava para fazer eles repetirem as ações com ajustes, orientava para a expansão do movimento, para que explorassem os níveis, a personalidade dos personagens, sentimentos, e ia juntando as cenas que eram sequência uma das outras para que se complementassem e iniciasse um novo grupo para improvisação das novas cenas.

Essa construção em “pedacinhos” separados para posteriormente ir juntando foi o jeito mais eficiente encontrado para que todos estivessem trabalhando ao mesmo tempo, seguindo as orientações de Spolin (2004, p.28) onde ela diz “Planeje o horário de ensaios de maneira que todos estejam trabalhando todos os momentos possíveis.” e assim evitar o ócio na aula de teatro, visto que eram muitos alunos para conduzir.

Senti um orgulho imenso ao ver a turma trabalhando em conjunto, e pela maturidade que muitos tinham. Meu maior trabalho era lapidar algumas movimentações, ajudá-los quanto a espacialidade e ocupação do palco, alertando sobre o ritmo das cenas e a sequência delas.

Passado o momento de criação, começamos os ensaios mais marcados e definidos, e fomos introduzindo as canções que foram escolhidas por mim e por mais um outro aluno que ajudava na parte técnica. Quanto a este aluno, diversas vezes tentei colocá-lo em cena, mas vendo o seu desconforto, propus para que ele optasse qual função ele gostaria de desempenhar, e como ele gostava muito de música, escolheu ser o operador de som da peça. Definido isto, escolhemos juntos

as melodias que mais se encaixavam com as cenas, levando em consideração o apontamento dos alunos de pegar músicas da época da ditadura.

As músicas foram dando outra característica a algumas cenas, onde o sonoplasta precisava estar em perfeita sintonia com os atores. Algumas cenas dependiam muito da sonoridade e isso foi sendo ajustado ao longo dos ensaios, onde quem operava o equipamento eletrônico era o aluno.

A turma foi reconhecendo a importância do elemento musical para a peça, e de uma pessoa específica para operar o som, o sonoplasta. Além das músicas eletrônicas, dois alunos do grupo que tocavam instrumentos musicais se disponibilizaram para tocar ao final da peça. Um deles escolheu a música de *rock and roll* “Não Sei” da Banda TNT e outro eu pedi para que tocasse “ Alegria, Alegria” do Caetano Veloso.

Estava tudo encaminhado, o único elemento importantíssimo para a peça ainda não havia sido pensado: O foguete, elemento plástico que compunha o cenário.

Tentei fazer de diversas formas, papelão, carrinho de supermercado, caixa de leite, nada era eficaz devido ao tempo, forma de manipular, e também porque eu queria algo que eles pudessem entrar dentro, pois foi o pedido de todos, então teria que ser algo grande. Já faziam muitos ensaios que os alunos não tinham esse elemento para testar, e isso estava me deixando assustada. Foi quando uma amiga me deu a sugestão de fazer com um tecido preso a um bambolê, e pronto, isso resolveu todos os meus problemas. Testei uma única vez na sala de aula com os alunos, e como era difícil de sempre levar junto para os encontros, eles só puderam rever o foguete no ensaio geral.

A apresentação estava próxima e mais um empecilho, o Festival havia sido marcado para a primeira semana de agosto, isso é, eles estariam de férias nos 15 dias antecedentes à semana do festival, e a escola estaria fechada, sem lugar para ensaiar.

Conversando com a turma e com os pais, e sabendo que poucos iriam viajar, marquei encontros extras no CAL.

O espaço novo foi uma novidade para eles, todos estavam encantados com as salas gigantes, as luzes que podiam ser usadas para as cenas, coxias limitadas por cortinas, o que antes estava só na cabeça deles, foi empolgante para eles e também para os pais que vinham acompanhar.

Foi nesse espaço nossos primeiros ensaios gerais, completos do início ao fim, sem pausas, e também com uma plateia de fora, pois convidei dois colegas de Teatro para virem assistir e nos ajudar com algumas dicas. Uma delas mudou bastante nossa perspectiva, por exemplo: os figurinos.

Os figurinos foram escolhidos em conjunto, mas a ideia inicial era uma composição de cores pretas e fortes para os personagens de Macambúzios e coloridas para quem era do Planeta Terra. Com o olhar dos meus colegas da faculdade de Teatro, que vieram para assistir, mudamos totalmente e seguimos a indicação sobre o Planeta Macambúzios não ter cores.

Anteriormente, os alunos pintavam o cenário que continha muitos “NÃOS” espalhados, e frases como “NUNCA SORRIA” “CENSURADO PELO GOVERNO”, tudo isso feito em papel pardo devido ao final da história, onde os personagens vindo da Terra traziam para os habitantes daquele planeta, a música, a dança, a literatura, o teatro e a cor.

Agora a ideia era que todos os personagens de Macambúzios usassem branco, e suas maquiagens fossem pálidas e tristes. E como forma de terminar a peça, uma das crianças da Terra entregava um *spray* colorido aos demais, e eles pintassem além do cenário as suas roupas brancas também, trazendo vida ao Planeta Macambúzios.

A ideia foi sensacional, todos gostaram, o problema seria encontrar roupas brancas para todos. Passei dias procurando e separando camisetas brancas, costurando retalhos de tecidos, e pedindo auxílio dos pais para conseguir essas roupas, e enfim, tínhamos nosso novo figurino, que começou a fazer parte dos nossos ensaios.

O espetáculo estava finalizado, e o dia da apresentação estava muito próximo.

4 Estágio Supervisionado de Docência em Teatro II - Ensino Médio - Turma 3 (T3)

O estágio II consiste em dar aula no ensino médio, e para essa etapa eu escolhi realizar minha prática no 1º ano do ensino médio integrado ao curso de Mecânica, no Colégio Técnico Industrial de Santa Maria - CTISM.

A turma era composta por 30 alunos, muitos deles repetentes e apenas 8 eram meninas, a idade dos alunos girava em torno de 15 anos e 17 anos, e tinham uma rotina bastante maçante.

Para ingressar no CTISM os alunos passam por um processo seletivo, e prestam uma prova logo que terminam o ensino fundamental. A escola é de nível federal, as vagas são bastante concorridas, e muitos alunos de outras cidades e regiões tentam o ingresso. As turmas que se formam são mistas, com alunos de localidades diferentes e que vieram de instituições de ensino de níveis diferentes, tanto públicas quanto particulares.

Quando chegam no CTISM é tudo muito novo, os adolescentes estão se conhecendo, e precisam formar seus grupos, “[...] os grupos são fundamentais para o desenvolvim

ento dessa fase, pois, através das identificações de pensamento é que se juntam.” (Guimarães, 2015, p. 166)

Conciliar sua vida social e interativa com a rotina, muitas vezes é exaustivo, ainda mais por se tratar de uma escola de nível técnico, e que mantém seus alunos o dia inteiro neste ambiente. Também é necessário levar em conta que eles dividem esse espaço com alunos da graduação e o amadurecimento deles é muitas vezes instantâneo, pela exigência de responsabilidade comportamental nesses espaços.

As primeiras aulas foram um pouco difíceis, pois eles estavam em polvorosa, reconhecendo esse novo espaço e “caminhando em ovos”, formando seus grupos, e quando apresentado que as aulas seriam alinhadas ao teatro, manteve-se um suspense, espécie de medo de se expor para pessoas que eles ainda não tinham tanta afinidade.

Como muitos alunos têm na escola o primeiro contato com o teatro, o professor precisa buscar formas de facilitar o encontro deste com esse novo fazer artístico de forma que se torne prazeroso essa prática. Iniciar uma aula de artes, com foco no teatro torna-se desafiador, aliás como diria Desgranges (2003, p. 67)

“[...] quando o encontro com o teatro é encarado como um dever, uma obrigação escolar, essa aproximação pode tornar-se um momento profundamente desinteressante.”

Também acabei ficando um pouco preocupada com o programa da disciplina estabelecido pelo colégio, e inicialmente senti uma grande influência da professora da turma nas decisões e conduções das primeiras aulas baseadas nesse plano, ao longo do tempo isso foi diminuindo e eu consegui me estabelecer como figura docente na turma.

Pelo CTISM ser parte da UFSM, tentei ao máximo explorar os espaços e planejar as aulas de forma que os alunos saíssem da sala de aula habitual, até porque a sala da turma na escola era pequena, não comportava todos os alunos se movimentando. Preciso mencionar que a escola possuía uma sala de artes, o que é muito interessante pois muitas escolas não tem, mas quando fui conhecer essa sala me deparei, com mesas gigantes e redondas, em um espaço muito pequeno e apertado, com vários armários lotados de tinta, papel, lápis, e demais materiais utilizados para uma aula prática de artes visuais, mas quanto a teatro, dança e música, a sala não era usual. Então tivemos aulas em distintos espaços, mas principalmente no Centro de Artes e Letras, em uma sala de ensaio que fora reservada para a turma, sendo assim, os alunos se deslocavam até o CAL, durante o intervalo de almoço, para o início das aulas.

Os planejamentos tinham sempre um tema de ponto de partida, abordamos a arte rupestre e o surgimento das primeiras formas de teatro para humanidade, esse tema resultou em uma aula embaixo da ponte seca da UFSM, devido a arquitetura do lugar. O encontro foi marcado pelas improvisações sobre caçadas, fogueiras, evolução humana, entre outras. Essa primeira aula foi bastante surpreendente, pois mesmo envergonhados, todos participaram e embarcaram na proposta, mesmo estando em um local aberto onde passavam pessoas a todo momento.

O segundo tema escolhido para planejamento foi os Deuses Gregos e suas representações, trabalhamos com os sentidos dos alunos de forma separada, em um momento, eles fizeram jogos que utilizassem mais a visão, depois tapamos sua visão, e eles usaram mais a audição e por fim o sentido do tato. A maior dificuldade dos alunos quanto a isso foi ficar sem visão, pois seus ritmos de caminhada diminuiriam, o corpo ficou enrijecido de forma a não tomar tanto espaço e com uma

curvatura nas costas, havia também mudança no ponto do corpo que dava a direção do caminhar, onde o ouvido “puxava” o restante do corpo. A mitologia foi importante pois dava uma narrativa pra aula, e nas improvisações de som, cena parada e mímica ou desenho cego, eram usadas palavras relacionados aos Deuses, como Guerra, Amor, Caça, Beleza, entre outras.

Partindo disso, foi realizada a primeira apresentação da turma que tinha como finalidade construir uma cena curta baseada em algum Deus Grego.

Todos em cada grupo tinham uma função: quem cuidava do cartaz do grupo, da sonoplastia, do roteiro, da direção e da atuação. Foi bastante surpreendente o comprometimento dos grupos.

A exposição deles em cena foi resolvida através do teatro de sombras, uma linguagem que não havia sido trabalhada previamente. Percebi que a sombra foi escolhida pelos alunos pois eles estavam com “medo de errar”. A professora Miriam ressalta que esse “medo” é

[...] uma das causas da não participação [nesse caso dos alunos] nas apresentações em grupos de trabalho; o fato do aluno ser exigido a participar causa a sensação de medo de se *expor*, o compromisso de fazer *tudo certo* implica reforço da inibição, da falta de espontaneidade, acentuando percepções errôneas do que seria aprender. (DIAS, 2000, p.09)

Contudo, mesmo inseguros, os alunos conseguiram inserir a sombra de forma a se beneficiarem disso e ainda exploraram essa outra linguagem de forma espontânea, sem ser apresentado por mim, o que demonstra que eles pesquisaram, ensaiaram e trabalharam em conjunto para preparar as apresentações para a aula.

Além disso, os alunos escolheram contar os mitos dos deuses de forma cômica, o que deixava todos mais à vontade.

As aulas com essa turma sempre eram marcadas com jogos de concentração, pois o grupo era grande e bastante agitado, então os jogos que tinham desafios ajudavam a trazer a atenção deles para a aula.

O jogo teatral na escola pode ter sua beleza reconhecida, quando realizado dentro de um clima de alegria, intensidade, prazer e tensão; quando obedece as regras propostas pelo professor ou pelo grupo ou, ainda quando reinventa outras; quando têm caráter livre e não é imposto; quando instaura uma realidade cênica diferente da vida cotidiana; quando tem sua área do jogo delimitada ou enquadrada e quando, pela imaginação, cria inúmeras imagens e metáforas decorrentes de um processo contínuo de simbolização. (SOARES, 2009, p. 52)

Trago essa reflexão baseada no jogo da bolinha que fez sucesso na turma, pois foi o primeiro jogo que a turma aprendeu e nada mais era que contar “1, 1-2,

2-3, 3-4...” com o objetivo de chegar ao número 50 (que foi o que eles estabeleceram). A turma começou a criar estratégias, e criar regras como: sair do jogo sem deixar a bolinha cair, recomeçar se pensar muito, jogar sempre para a mesma pessoa estabelecendo uma ordem que a bolinha passe por todos, entre outros, com o intuito de alcançar o objetivo da turma.

Por meio do envolvimento criado pela relação de jogo, o participante desenvolve liberdade pessoal dentro do limite de jogo, o participante desenvolve liberdade pessoal dentro do limite de regras estabelecidas e cria técnicas e habilidades pessoais necessárias para o jogo. A medida que interioriza essas habilidades e essa liberdade ou espontaneidade, ele se transforma em um jogador criativo. (Koudela, 1984, p. 43)

O crescimento deles nesse jogo e em jogos que exigiam concentração era nítido, eles já jogavam o jogo no início da aula por conta, sem eu precisar pedir, virou um aquecimento inicial espontâneo, a repetição desses jogos mostrava o quanto o foco deles estava aguçado a cada aula, chegamos ao ponto onde o corpo reagia antes mesmo de pensar, tendo uma memória corporal e uma noção espacial muito elevada.

Depois de muito tempo com jogos de desafio, de imaginação coletiva e expressão corporal para soltar a turma e deixá-los à vontade com seus colegas, começamos a investir em jogos de improvisação básicos, como a “ressignificação do objeto”, “fotografia parada”, e “imagem e ação”. Foi surpreendente, os alunos iam pra cena e se divertiam improvisando, jogavam com os colegas que estavam na plateia e isso deixava a aula leve, eles tinham a imaginação aguçada, conseguiam colocar em prática atividades de corpo e expressão que foram anteriormente aprendidas.

A turma também tinha alcançado uma maturidade muito grande, perdendo a mania de julgar e apontar falhas nos colegas, pelo contrário eles se ajudavam, conversavam as formas de melhorarem as cenas, sobre os temas que surgiam para a improvisação e faziam ligações com o próprio cotidiano.

Apesar da dispersão muito rápida e o descontrole sobre o riso durante as improvisações, coisa que precisava ser trabalhada, a consciência deles sobre o espaço de representação e o espaço de assistir era nítida

O procedimento metodológico de diferenciar o “espaço do jogo” do “espaço do não jogo” possibilita também aos alunos irem fazendo, de modo progressivo, a passagem entre a simples brincadeira e a experiência teatral. Ao entrar e sair de um espaço definido, aos poucos, eles começam a perceber que a ação no teatro se dá segundo regras e convenções específicas, diferente da realidade. Nesse momento, o jogo deixa de ser

sinônimo de “bagunça”, “maluquice” e a simples diversão em sala de aula ganha um novo estatuto, o jogo passa, então, a ser chamado de improvisação, cena, teatro. (SOARES, 2009, p. 55)

Então quando o aluno assume o espaço do jogo e se coloca como ator dando início as improvisações, ele entra em um estado de alerta, de troca com quem está contracenando com ele com o intuito de fazer a cena fluir, e quando ele assume o papel de espectador, ele também é um jogador, mas agora é hora de reagir ao que os atores estão propondo no palco, é um estado mais passivo de jogo, onde o corpo não se movimenta tanto, mas a mente continua em constante alerta.

A fim de aproximar a turma da estrutura de um texto dramático, escolhemos trabalhar com o clássico de Gil Vicente “Auto da Barca do Inferno”, e para tratar dos assuntos do texto criamos um grande tribunal. Os alunos inicialmente foram separados em 2 grandes grupos, o primeiro grupo criou fichas para os personagens com nome, idade, trabalho e lazer e o outro grupo definiu pecados e formas de ser condenados. A turma foi redividida em acusação e defesa, tínhamos três juízes e seis alunos que interpretavam os personagens acusados e definiam como haviam morrido. A aula tomou proporção, com grandes debates e argumentações bem elaboradas para defender ou acusar o réu. Os alunos ficaram a aula inteira na mesma atividade, era perceptível que eles entendiam o que era certo e ético e o que não era. Dependendo do crime cometido a acusação sentia-se até desconfortável de defender. Os temas foram bastante polêmicos, alguns alunos traziam fatos da realidade para debate e para exemplificação do seu ponto de vista, o que ressalta o quanto eles acompanham notícias e são atravessados por elas e também mostrava um espelho da suas próprias realidades.

E é por isso a importância do professor se conectar com o aluno, conectar-se com a realidade dele e trazer essa realidade para discussão em sala de aula, problematizar, analisar e compreender a sociedade que estão inseridos. Visualizar seu meio, e desenvolver um olhar crítico, é o primeiro passo do educando, para que transforme o conhecimento escolar em ações na própria comunidade, Paulo Freire coloca em seu livro “Pedagogia da autonomia”(2015, p. 34)

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?

4.1 Criação de esquetes teatrais para compartilhamento com a turma e posterior participação no Festival

Depois de conhecerem um texto clássico foi a vez deles encenarem um texto. A turma foi separada em 2 grupos com textos diferentes. Ambos os textos escolhidos foram adaptados para a estrutura teatral e se tratavam de comédias, já que a turma tinha maior afinidade com esse gênero.

O primeiro se chama “O ator” e se trata de uma crônica de Luis Fernando Verissimo, que narra a vida cotidiana de um homem, até que de repente, um diretor de cinema junto de sua equipe de produção, entra na sua casa mandando parar a “cena”, o homem fica sem entender nada e começa a discutir com o então diretor. Até que outro diretor entra repetindo a ação anterior deixando tudo mais confuso, e isso se repete novamente criando um loop infinito.

O segundo texto se chama “O assalto”, não encontrei o autor, o registro que eu tinha foi escrito por mim, baseada em uma apresentação que eu havia feito dirigido pela minha professora de teatro quando eu ainda era adolescente. Fui recordando dos atos e cenas e colocando no papel, com o intuito de trabalhar futuramente. A esquete se passava em um estúdio de cinema onde os atores ali presentes precisavam fazer a cena de um assalto. O diretor que estava à frente pedia para os atores repetirem a cena diversas vezes, ora com alegria, outra vez com tristeza, outra com delicadeza, e os atores levam tudo ao extremo nunca acertando a cena. Quando enfim o diretor resolve ir embora, os atores tentam uma última vez e acertam, porém o Moço encarregado pela câmera, que tentou se pronunciar diversas vezes, informa que a câmera está sem bateria e não gravou nada.

Nenhum dos textos tinha falas, só apontamentos e roteiro de acontecimentos das cenas. Isso é, no texto só possuía indicação do que fazer, mas não do que pronunciar, assim, eles tinham total liberdade para criar os diálogos da forma que eles quisessem e no dialeto deles, o que facilitou para que eles memorizassem a sequência de cenas, e deixou a peça mais atrativa para os colegas, por se tratar de uma linguagem do convívio deles e menos coloquial.

Desta vez, cada grupo ficou em uma sala para criar e ensaiar. Nesta etapa não os dirigia tanto, eles tinham uma direção colaborativa, onde todos palpitavam e

ajudavam, o que eu fazia era dar sugestões de melhorias quanto às movimentações, espacialidade e corpo em cena.

Os alunos definiram quem iria atuar, e aqueles que não estavam à vontade para estar em cena, ficaria responsável pela escolha de figurino, escolha de música, confecção de cartazes e contra regragem no dia da apresentação.

Para isso levei a equipe responsável pelos figurinos até o figurino do CAL, e me surpreendi, pois apesar do espaço estar cheio de peças de roupas, eles optaram por trabalhar com acessórios, mantendo uma roupa mais neutra para a maioria dos atores e assim usar a ressignificação dos objetos de cena durante a peça.

O compartilhamento das cenas foi esplêndido, além dos alunos, os coordenadores do curso de mecânica foram convidados a assistir a mostra de esquetes.

Os alunos responsáveis pela contrarregragem organizaram a sala onde ocorreria a apresentação, penduraram coxias, ajustaram material de cena, organizaram a disponibilização de cadeiras na platéia, ajudaram a pendurar as luzes, e afinar conforme o que cada grupo necessitava, a colocar o som e pendurar os cartazes produzidos, enquanto os atores estavam se vestindo e ensaiando antes da apresentação.

Isso mostrou a eles que o teatro vai além da atuação, e que para uma apresentação acontecer, a equipe que está nos bastidores também é de extrema importância e reforça para mim enquanto professora que

A prática teatral pode ser incentivada tanto por meio de jogos de expressão dramática propostos nas aulas, como também pela montagem de espetáculos com alunos que, nesse caso, podem participar de todo o processo de construção de uma peça, ganhando intimidade com os meandros da arte teatral. (Desgrandes, 2009, p. 72)

Graças a esse empenho da turma, tudo ocorreu muito bem, foi um momento de descontração e de ver a autonomia dos alunos, notava-se que eles haviam se reunido para ensaiar fora da sala de aula, que haviam pensado nos figurinos, havia bastante objetos em cena que haviam sido ressignificados e que eles acreditavam nessa ressignificação. Eles tinham progredido muito em relação ao jogo de cena, o corpo estava presente, eles jogavam com a platéia, e percebiam o tempo cômico das piadas em cena, e mantiveram a concentração, sem quebrar o jogo e rir durante a apresentação.

A sombra que anteriormente foi usada como solução para não aparecer em cena, dessa vez não foi necessária, pois todos estavam à vontade atuando, e alguns alunos até surpreenderam a todos pois eram muito tímidos inicialmente e agora estavam fazendo o personagem principal.

A sala disponibilizada no CAL para o compartilhamento de cenas era escura e as luzes delimitavam o espaço de cena, deixando os alunos confortáveis e tornando mais fácil estar no palco.

As aulas de teatro oportunizaram aos alunos conhecer as diversas etapas envolvidas na produção teatral, como a construção do personagem, do cenários e a iluminação.

As aulas de artes se tornaram um espaço onde eles exploravam novas ideias e expressavam suas opiniões e sentimentos e os jogos contribuíram para o sentimento e reconhecimento dos alunos como um grupo escolar, ajudando a desenvolver habilidades de comunicação, colaboração e resolução de problemas e autonomia.

Foi importante ouvir dos alunos que eles gostavam dos jogos e que eles praticavam alguns até fora de aula. Tive a oportunidade de ver eles ensinando a alunos de outras turmas o que haviam aprendido e isso trouxe um sentimento de gratidão pelo trabalho desenvolvido com a turma.

Durante o trimestre inteiro teve um aluno de outra turma que participou de todas as aulas, inclusive das apresentações de artes pois era amigo da turma e no horário ele não tinha outra matéria, pro final do semestre surgiu outro aluno querendo participar, e também foi muito bem vindo.

Além de ir pra cena é importante ressaltar o trabalho deles enquanto espectadores, aos longos das aulas e das improvisações eles inúmeras vezes viram seus colegas em cenas e isso ajudou para que eles comesçassem a pensar em soluções cênicas, de novas ideias para cenas, é uma bagagem que era alimentada por eles próprios.

O compartilhamento final foi importante pela visualidade, pois eles estavam fazendo teatro mas tinham a oportunidade de também assistir a teatro e vale ressaltar que “A especialização do espectador se efetiva na sua aquisição de conhecimentos de teatro, o prazer que ele exprime em uma encenação se intensifica com a apreensão da linguagem teatral.” (Desgranges, 2009, p.88)

Após a apresentação para a turma, eles foram convidados a participar do Festival que faltavam 20 dias para acontecer. Para isso ajudei eles a juntar as duas esquetes e tornar uma apresentação só, para isso decidimos chamar o trabalho pelo nome de “Esse filme é uma peça!”.

A turma teve o incentivo de outros professores do colégio que disponibilizaram seu horário de aula para ensaios extras, visto que era o único lugar que eles se encontravam era na escola,

É necessário, portanto, que todos os educadores de uma escola estejam sensibilizados para a experiência artística, para que o acesso dos alunos a linguagem teatral não seja uma luta isolada do professor de teatro no interior da própria instituição escolar, como um dever que competiria somente a esse professor. (Desgranges, pg. 71, 2003)

Portanto, esses professores tornaram a participação no festival como uma avaliação das suas disciplinas, pelo empenho que os alunos estavam demonstrando na realização da atividade, além de acompanhá-los no dia do evento.

5 O Ensaio Geral

O dia do ensaio geral foi de grande importância para todos os grupos. A equipe do Festival, em parceria com a Secretaria de Educação de Santa Maria, disponibilizou transporte para os alunos irem ao teatro.

Minha preocupação inicial era com o tamanho do palco, pois como os alunos estavam habituados com a sala de aula pequena, tinha medo que eles “sumissem” no espaço destinado para a cena.

Conversando com outros professores que iriam participar do festival com seus grupos, e vendo que a preocupação era a mesma, pedimos para a equipe do festival sobre a possibilidade do espaço ser reduzido com o auxílio de coxias e da iluminação geral. Isso foi feito, mas em pouca diferença devido a apresentação da peça de abertura do evento.

As três turmas foram até o local para o ensaio, e lá foi o momento deles conhecerem realmente o tamanho do palco, de fazerem a passada com o cenário posto, com figurino e conhecerem os limites entre palco e plateia.

Os alunos foram instruídos de como seria a dinâmica para os dias de apresentação, onde se reuniriam para se arrumar, onde ficava o camarim, quem seriam os responsáveis por ajudá-los no dia, onde ficariam para a conversa com o jure, e onde ficariam após para assistir os demais grupos e etc;.

Eles passaram as marcações junto da iluminadora para que entendessem onde precisavam estar nos momentos que a peça exigia algum foco específico.

Estipularam onde ficariam os objetos de cena para um alcance rápido, tudo que se tratava da técnica foi discutido com os grupos no ensaio geral e a equipe do festival foi super receptiva e prestativa, anotando todas as demandas que o grupo precisava.

6 O Festival

O Festival da Boca do Monte chegou, graças ao envolvimento de uma equipe que se empenhou em torná-lo real. Foram meses de trabalho, reuniões constantes, busca por parcerias e divulgação do evento. Minha colega Natália de Souza conta melhor sobre essa produção no seu Trabalho de Conclusão do Curso, intitulado “Diário de Produção: Festival de Teatro Estudantil da Boca do Monte.”

O Festival, realizado no Teatro Caixa Preta da UFSM, foi dividido em duas categorias. A primeira contemplava alunos de 04 à 11 anos de idade, e ocorreu no dia 10 de agosto, tendo três apresentações: “O Planeta Macambúzios”, “Cadê minha vó” e “Dia após dia”.

E a segunda categoria era destinada para alunos de 12 à 18 anos e teve quatro apresentações: “Esse filme é uma peça”, “Eu não quero ficar pra trás”, “Inferno” e “Era uma vez, outra vez”.

Cada dia de evento contávamos com uma mesa de jurados diferente formada por Professores de Teatro, Artistas Locais e Alunos do Departamento de Artes Cênicas, que seriam responsáveis por conversar com os participantes e espectadores sobre as apresentações, mediando um espaço de troca entre todos.

Em ambas as categorias foram destacados: Melhor Ator e Atriz, Melhor Cenário, Melhor Maquiagem, Melhor Figurino, Melhor Sonoplastia, Melhor Roteiro, Melhor Grupo e Melhor Direção. Além disso, todos os alunos participantes receberam certificados de participação e medalhas do Festival.

A minha Turma 2 da Escola Vicente Farenzena apresentou na primeira categoria a peça “O Planeta Macambúzios”. A Turma 1 do Vicente Farenzena e a Turma 3 do CTISM, apresentaram na segunda categoria as peças: “Outra vez, era uma vez” e “Esse filme é uma peça”.

Os alunos que se apresentaram foram trazidos ao teatro com um ônibus disponibilizado pela prefeitura conseguido pela equipe do festival. O transporte foi passando nas escolas municipais e pegando todos os alunos em conjunto. Ali foi o primeiro contato que eles tiveram com os demais participantes do Festival, foi o momento de fazer amizades novas, cantar juntos, e conversar sobre o que iriam apresentar.

Desgranges (2006), ressalta que a elaboração destes espaços de encontros e discussão, para a formação de espectadores, deve ser pensado desde a estruturações físicas espaciais, leis de incentivo à produção cultural, facilitação no acesso, divulgação de eventos, locomoção, até a promoção de debates entre artistas e plateia. Após o término de apresentações a abertura para perguntas, o compartilhamento de processo e estruturação, entre outras curiosidades:

Quanto tempo leva para se ensaiar uma peça? Como se forma um artista teatral? Um ator faz cursos? Que cursos? Qual a diferença de um ator de televisão para um ator de teatro? Quantos artistas participam de uma montagem teatral? Além dos atores, que outras funções existem na construção de cena? Como e quando se monta o cenário? (Desgranges, 2006, p. 160)

Isso tudo pode ser o propulsor para angariar novos espectadores, até mesmo novos artistas para o Teatro.

Quando os alunos chegaram até o Teatro Caixa Preta, foram agraciados com poesias e músicas por atores que estavam fazendo intervenção no espaço. Em seguida foram levados até uma sala para se organizarem, a maioria dos alunos veio vestindo o figurino de casa, então concentramos em organizar o material das cenas, maquiagem quem precisava, arrumar o cabelo de outros e explicar como funcionaria.

A dinâmica dos dias seria a seguinte: Todos assistem a peça de abertura. Em seguida que terminasse, o primeiro grupo a se apresentar na tarde iria para o camarim do Teatro aguardar o palco ser liberado para colocar seu cenário e objetos de cena. Depois de apresentar, ficariam na frente da cortina para conversar com os jurados, enquanto a equipe do Festival tiraria os pertences do palco. Quando a conversa com o júri encerra-se, se sentariam na plateia para assistir a apresentação do próximo grupo, que passaria pelo mesmo processo.

O evento teve sua abertura com a peça “Jardim de Cataventos” de Marcelo Schmidt e Camila Borges. Ver os alunos concentrados com o que os atores estavam fazendo no palco, interagindo com a peça, foi significativo. Para muitos era a primeira vez assistindo a uma peça de teatro profissional e em poucos minutos seria a primeira vez deles no palco.

6.1 O Planeta Macambúzios

O Planeta Macambúzios foi a primeira peça a ser apresentada. A correria, antes de iniciar, foi grande. Tínhamos pouco tempo para colocar os materiais da cena nos espaços destinados, treinamos a movimentação de biombos utilizado na peça, localizamos todas as entradas e saídas do palco, organizamos o som e o aluno responsável pela sonoplastia se posicionou.

Por fim, fizemos uma concentração no palco, tranquilizei os alunos que estavam nervosos, pedi para que respirassem e nos abraçamos diversas vezes. Pronto, já podíamos iniciar! Me posicionei atrás das coxias para ajudá-los e ficar na contra regramagem durante a apresentação.

Tudo saiu como o esperado, tivemos um pequeno problema com a operação de luz, o que deixou os alunos um pouco nervosos, mas nada que prejudicasse o andamento do espetáculo, até porque os únicos que sabiam eram eles mesmos.

Na plateia, além dos familiares, também estavam os colegas e professores da Escola Vicente Farenzena, o que deixou os alunos que estavam no palco, mais tranquilos.

A plateia é o último elemento que completa o círculo e a sua relação não só com a peça, mas com a atuação, é muito importante. O espetáculo, certamente, não é o fim da linha. Ele traz todo o processo criativo de fazer uma peça para sua fruição; e a platéia deve ser envolvida nesse processo. (Spolin, 2003, 321)

E o jogo com o público foi um sucesso, os atadores souberam “lidar” muito bem com os burburinhos paralelos. Ao final da apresentação, a plateia vibrava, alguns pais estavam emocionados e eu estava com o coração pulando de felicidade pela desenvoltura dos meus alunos.

A banca de jurados, formada pela atriz e professora universitária Camila Borges, pelo ator e professor da rede pública Gelton Quadros e o acadêmico de Artes Cênicas Pedro Diana Moraes, foram bastante acolhedores. Eles teceram comentários bastante pertinentes à peça, elogiaram o trabalho desenvolvido com os alunos, deram sugestões de melhorias nas cenas, se surpreenderam com o tema escolhido e incentivaram os alunos a continuar a fazer teatro.

Depois de terminada a sua apresentação, os alunos se sentaram e assistiram as próximas apresentações.

O grupo recebeu destaque nas categorias Grupo, Maquiagem, Ator ,Figurino e Direção.

Fotografia 1: Entrega de prêmio ao grupo



Fonte: Daniele Wilhelm

6.2 Esse filme é uma peça

O segundo dia de festival iniciou com a apresentação do grupo do CTISM. Muitos alunos vieram no sábado apenas para apresentar, e logo em seguida iriam embora, pois moravam em outras cidades e não tinha ônibus com frequência de volta para casa.

Essa turma chegou ao teatro às 9h da manhã, e o evento só ocorreria às 14 horas. Eles estavam bastante inseguros, com medo, e decepcionados com alguns colegas que haviam desistido de apresentar em cima da hora, então pediram para ensaiar no dia do festival. Atendi ao pedido da turma e encontrei eles no teatro no horário marcado.

A turma conhecia bem a estrutura da peça, então tiveram facilidade para mudar e assumir outros personagens em cima da hora. Repassamos a peça com as luzes, com os materiais de cena e com a sonoplastia diversas vezes, até eles se sentirem confiantes. Depois, conversei com a turma deixando eles mais tranquilos e fiz os jogos que eles gostavam para que relaxassem um pouco.

Eles estiveram presentes no primeiro dia acompanhados de outra professora e assistiram as apresentações da primeira categoria, então sabiam como funcionaria as apresentações e a conversa com o júri.

Às 14 horas, o grupo se apresentou. Sua peça era cômica e eles perceberam em cena o que fazia a plateia rir, então investiram na improvisação

[...] é através da dinâmica de uma experiência de atuação que a experimentação e as técnicas são espontaneamente unidas, libertando o aluno para o padrão de comportamento fluente no palco. Os jogos teatrais fazem isto. (Spolin, 1984, p. 13)

Isso demonstrou o quanto os alunos tinham assimilado a importância dos jogos em sala de aula.

Desta vez, o júri era composto por Gelton Quadros, já mencionado anteriormente, Luciano Fernandes - Presidente do Sindicato de Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do RS e por Ana Emília - Formada em Pedagogia pela UFSM, artista local e estudante de Licenciatura em Teatro da UFSM.

Eles destacaram a organização do grupo quanto a delegação de funções na peça, pois o número de estudantes na turma era grande (30 alunos) e também por que diferentemente da maioria dos grupos que se apresentaram e partiram de oficinas, eles desenvolveram a peça durante as aulas oficiais de artes dentro da escola.

O grupo foi agraciado com o prêmio de Trilha Sonora Destaque.

Fotografia 2: Cena da peça “Esse filme é uma peça”



Fonte: Daniele Wilhelm

6.3 Era uma vez, outra vez

Esse grupo fechou a tarde de apresentações do Festival.

Eles chegaram ao teatro todos prontos e arrumados para a apresentação, por serem maiores e bastante independentes, não foi necessário eu estar com eles para que fizessem a maquiagem e cabelo.

Eles assistiram todas as apresentações da tarde e quando chegou a vez deles, estavam eufóricos.

Esse grupo foi surpreendido antes da sua apresentação, pois o barco feito de canos e tecido que era usado em cena, se desmontou na hora de colocar dentro do teatro e não dava tempo de arrumar. A cena foi resolvida com um guarda-chuva que virou o barco e foi ensaiada já no palco enquanto as cortinas estavam fechadas. Isso mostrou o quanto os jogos de ressignificação e improvisação foram importantes.

O cenário também foi uma novidade, sempre havíamos ensaiado apenas com a poltrona, a mesa e alguns objetos que eram usados na cena, mas nunca havíamos montado o cenário por completo, com os tecidos coloridos pendurados nas araras,

brinquedos e livros espalhados pra ver como ficaria, até porque muita coisa era material dos alunos e ficava ruim deles trazerem para as aulas.

Quando a turma foi colocando tudo no lugar, o rosto de cada um foi se iluminando. Estava tudo pronto e enfim a peça tantas vezes ensaiada, seria vista e apresentada para um público.

No momento de concentração e de respiração, escutei os suspiros e “fungados”, algumas lágrimas estavam sendo seguradas para não borrar a maquiagem, as mãos dadas formavam uma corrente de confiança do grupo, onde eles sabiam que estavam seguros e tinham feito um trabalho maravilhoso.

Todos tomaram seus lugares, eu me posicionei ao lado do palco para fazer a sonoplastia. As cortinas se abriram e tudo aconteceu, as brincadeiras que eram feitas em cena e que antes eu entrava junto para representar o jogo com o público, dessa vez, foram feitas com as crianças que estavam na platéia.

Em certo momento da peça, o grupo foi surpreendido com um erro da iluminação, onde estavam esperando um “blackout” que demorou para acontecer. Vi no rosto do grupo o desespero, nesse momento um dos atores me olhou e fez um sinal para ele do que fazer e ele entendeu na hora. Nesse momento, até eu fiquei nervosa e preocupada, mas eles conseguiram improvisar e resolver a cena.

Terminado a apresentação, eles estavam emocionados, o público suspirava e chorava com a história. Um dos atores, avistou seu irmão, cunhada e sobrinhos e saiu direto do palco para abraçá-los, pois como eles moravam longe, fazia muito tempo que ele não os via, e eles tinham ido de surpresa ao festival para prestigia-lo.

Alguns jurados comentaram sobre a lembrança que a peça trazia da infância, sobre como era importante ver os atores se divertindo no palco com as brincadeiras escolhidas, e como dava vontade, enquanto espectadores, de levantar-se e brincar juntos. Também destacaram que o cenário chamava bastante atenção por ser colorido e o figurino seguir o mesmo traço. A peça também utilizava a linguagem de animação, com bonecos em cena, então o júri falou da importância de treinar a manipulação do boneco, e compreender essa linguagem, que é outra linha do dentro das artes da cena.

O grupo recebeu destaques na categoria Figurino, Cenário, Grupo e Direção.

Fotografia 3: Cena da peça “Era uma vez, outra vez”



Fonte: Daniele Wilhelm

6.4 O Público do Festival

O público do Festival foi composto pelos alunos que iriam se apresentar, por familiares dos alunos e pelos colegas convidados, onde em um dia vieram com a escola, e no outro vieram por conta própria.

Foi uma surpresa para todos a quantidade de pessoas que prestigiaram o evento. Eu, enquanto parte da equipe organizadora, fiquei preocupada com a acomodação do público na platéia, pois não esperávamos tanta gente, ao mesmo tempo que estava feliz com o sucesso do evento e por ver a comunidade ocupando o espaço do Teatro Caixa Preta.

Quando abrimos as portas do teatro, fui identificando os pais, avós, tios, irmãos e primos dos meus alunos, que vinham até mim para perguntar sobre seu filho, parabenizar pelo evento, pedir se precisava de ajuda, enfim, eram muitas pessoas ansiosas para assistir aquilo que os alunos tinham construído. Pelas conversas e pela euforia, percebi que muitas pessoas que foram prestigiar esses atadores, provavelmente, estiveram pela primeira vez no teatro.

A aprovação, o apoio e o incentivo do meio familiar são importantes para que a criança integre o teatro como rico e prazeroso hábito cultural. [...].

Essa iniciativa possibilita, ainda, que muitos adultos que nunca foram ao teatro travem um primeiro contato com essa prática artística. (Desgranges 2006, p. 81)

Esse envolvimento da família faz toda diferença para o educando que faz teatro, e começa desde casa, incentivando o indivíduo a participar do grupo de teatro. E esse incentivo se manifesta de muitas formas, seja levando o aluno até as oficinas, costurando figurino, emprestando material cênico ou indo assistir as apresentações.

Muitos alunos que se apresentaram, também assistiram uma peça de teatro pela primeira vez e aqui reforço as palavras de Celso Sisto (2015, p.220) onde ele diz que “[...] investir no teatro na educação, desde cedo, com as crianças, é também garantir uma continuidade, em relação à formação de plateia.”

As minhas turmas estiveram presentes nos dois dias, mesmo apresentando em um só. Eles sentiam que o Festival era “deles” e para “eles”, e realmente era. Outro fato curioso é que mesmo os grupos não tendo envolvimento entre eles, não se conhecendo, comemoravam constantemente pelo sucesso dos outros.

Durante o andamento do evento, no intervalo entre uma apresentação e outra, eu conversava com meus alunos a respeito das peças. Eles estavam encantados, comentaram sobre as soluções cênicas que alguns grupos utilizaram, sobre o conteúdo das peças, e tentavam “acertar” o que cada grupo levaria de prêmio no festival.

O Festival proporcionou aos espectadores uma autonomia de interpretação do acontecimento teatral, eles lançaram seu olhar estético para a cena, foram levados a identificar semelhanças de processos entre os grupos e o seu próprio, debater sobre os trabalhos e conversar com os jurados sobre os temas.

Os alunos fizeram sua avaliação do que assistiram, bem como, aproveitaram e se deleitaram com trabalhos de outros professores desenvolvidos em outras escolas. Foi um momento de troca entre alunos, professores e comunidade participante proporcionando assim o contato com o teatro e a valorização do trabalho artístico.

Portanto, a pedagogia do espectador está calcada fundamentalmente em procedimentos adotados para criar o gosto pelo debate estético, para estimular no espectador o desejo de lançar um olhar particular à peça teatral, de empreender uma pesquisa pessoal na interpretação que se faz da obra, despertando seu interesse para uma batalha que se trava os campos da linguagem. (Desgranges, 2003, p. 30)

O grupo da professora Natália de Souza, do Colégio Estadual Professora Edna May Cardoso, apresentou a peça “Inferno”, baseada no texto de Gil Vicente “O Auto da Barca do Inferno” fazendo uma sátira a alguns fatos e valores invertidos que possuem na nossa atual sociedade. No momento que a peça acabou, os alunos mais novos estavam assustados, provavelmente pois nunca haviam assistido uma peça com uma crítica tão densa. Os mais velhos acharam “genial” e queriam fazer uma peça com a mesma estética. Os alunos do CTISM, que já tinham feito uma atividade com esse texto em sala de aula, logo identificaram e adoraram a forma como o grupo adaptou e trabalhou com a dramaturgia, além de ficaram impressionados como a dupla de atores que tinham uma sintonia muito grande em cena.

E por isso é necessário incentivar os alunos a prestigiar outros grupos de teatro. Pois eles também precisam ter a experiência de contemplar uma obra teatral e ser platéia para outros artistas. Além de assistir outras peças e se desenvolver como espectador, o aluno entra em contato com outras estéticas, diferente da que vivencia.

Outro aspecto que quero destacar é quanto a platéia, sobre o comportamento de algumas pessoas que me chamou a atenção, nesse caso, maioria adultos, provavelmente por não frequentar teatros, não estavam acostumados a entrar e ficar no local por muito tempo, alguns saíram no meio da peça para fumar, outros para “esticar as pernas”.

Sobre as atitudes do espectadores, conversei sobre isso em momento posterior em uma aula com meus alunos, pois dependendo da peça teatral, barulhos que vem de fora, ou uma porta que se abre ao fundo atrapalha o efeito da iluminação, acaba distraindo os artistas que estão em cena, ou incomodando a própria platéia, isso prejudica o andamento do espetáculo.

No Festival estavam reunidos para assistir as apresentações, alunos que faziam teatro e alunos que não tinham contato com teatro, e isso era identificável pelo seus comportamentos completamente diferentes um do outro. Desgranges (2003, p. 33) afirma que

O apreço está diretamente ligado ao grau de intimidade e, apenas entrando em contato com o teatro, seus meandros, técnicas e história, o espectador pode reconhecer nele importante espaço de debate das nossas questões e, principalmente, perceber o quão prazerosa e gratificante pode ser essa relação.

Quem estava habituado com teatro assistia às peças até o final sem sair do espaço a todo momento, não conversavam enquanto o espetáculo estava acontecendo, conseguiam contemplar as apresentações de forma a criar argumentos sobre figurinos, sobre cenário, maquiagem, perceber o efeito da luz durante a peça, sobre o movimento dos atores em cena, entre outros.

Todas essas observações, ressaltam que o quanto é importante fazer teatro não apenas para estar no palco, mas também, para estar na plateia. Para que enquanto no lugar do espectador, o aluno respeite quem está no palco. Não me refiro a não falar e não se expressar, mas digo, no sentido de reconhecer o trabalho do ator que está ali, ser espontâneo com suas reações, e não querer “chamar a atenção” com piadas e comentários, atitude bem comum entre alguns estudantes quando se encontram num grupo. Sei que esse comportamento se dá, provavelmente, pela idade que se encontram, e é uma fase que “fazer graça” os torna “populares” e aceitos pelos grupos que se formam. Mas, quando se tem uma educação teatral, os alunos podem perceber que a plateia é um elemento fundamental para o fenômeno teatral acontecer, e que “atrapalhar” quem está no palco, não é engraçado, pois tira o foco tanto de quem está atuando, como também de quem está concentrado assistindo, tornando muitas vezes a experiência teatral ruim. Além de prejudicar o outro, o próprio indivíduo se prejudica pois não completa sua imersão no espetáculo. Esta atitude de não manter a concentração, dificultará ao indivíduo no momento de estabelecer comentários coerentes depois de assistir, pensar e discutir os próprios sentimentos e entendimentos da peça, se torna um espectador superficial.

7 Pós Festival

Após o Festival de Teatro Estudantil da Boca do Monte, as aulas de teatro no CTISM se encerraram devido ao período de estágio ter chegado ao fim. Já as oficinas de teatro, continuaram e eu pude me reunir com os alunos e conversar com cada grupo. Fizemos uma avaliação sobre o que acharam de todo o processo, desde o início das oficinas e aulas de artes, até a apresentação no evento.

Recebi muitos relatos de quem se apresentou, de quem era de outros grupos e de quem assistiu. As manifestações foram de muitas formas, cartas, texto no whatsapp, nas redes sociais e também alguns desenhos que agora compartilho neste trabalho.

7.1 Relatos dos Alunos e Pessoas da Comunidade

“Prof, muito obrigado por nos dar a chance de sentir essa experiência toda prof, foi incrível! A sensação antes de entrar no palco é inexplicável, mas depois de saber que demos o nosso melhor e que foi o suficiente é de arrepiar. Com certeza ficou marcado na minha vida, obg por tudo prof ”

(Aluno peça -”Era uma vez, outra Vez”)

“Obrigada por proporcionar essa arte tão incrível!!! Muito obrigada mesmo prof!! Você é muito importante para mim e para o meu irmão!!! Bjss”

(Aluna da peça “O Planeta Macambúzios” e “Era uma vez, outra vez”)

“Meu nome é Rodolfo Meurer Schmidt, tenho 13 anos e como filho de músico eu sempre gostei de me envolver com a arte. Essa oficina de teatro com certeza foi uma das melhores experiências que tive na minha vida, após tudo que passei ter um lugar onde eu poderia me expressar e me reunir com amigos foi sensacional. Minha opinião em relação às oficinas é que foram muito legais, confesso que no início eu

achava que não ia dar em nada todos aqueles ensaios, mas lá pelo mês de julho eu vi que tava tudo dando certo. Poder tocar o instrumento que eu tanto adoro em uma peça de teatro tão linda foi muito especial.

Em relação ao festival, foi uma mistura de incerteza ao mesmo tempo confiança e no final de vitória. Ver todos meus colegas gritando “VAI RODOLFOOO” antes de me apresentar fez eu me sentir especial e que eu não estava sozinho naquele momento. No início da peça eu fiquei muito nervoso, mas depois parecia que eu tinha entrado dentro do personagem. No final deu tudo certo, todos gostaram e ainda por cima ganhamos vários destaques incluindo de ator revelação que fui eu!!

De verdade, só tenho a agradecer à professora Bruna por disponibilizar essa oportunidade. Muito obrigado prof!!!”

(Aluno da Peça “O Planeta Macambúzios”)

“Foi muito bom comparado as outras aulas extracurriculares, e no início entrei por causa de perder o medo de me apresentar mas depois de uma crise de ansiedade quase desisti de ir ao teatro, mas depois eu vi que era bom eu estar ali mesmo e que eu era importante. Então no festival estava ansioso por talvez errar o times...mas deu tudo certo e fiquei muito feliz de ganharmos.”

(Aluno da sonoplastia da peça “O Planeta Macambúzios”)

Oieee Bruna. Hoje quando eu tava indo embora eu acabei não conseguindo dizer algumas coisas pra você, mais porque eu estava com pressa. Mas seguinte, no início eu te achava meio chatinha, mandona e tals, mas aí tu foi começando a fazer as brincadeiras que me lembravam oq eu fazia na infância, coisas que hj eu já não posso mais por conta do CTISM e etc. Eu sempre quis fazer teatro, é só não fazia porque aqui em Restinga não tem, mas eu amava quando tinha aquelas apresentações na escola que eu tinha que subir no “palco” e apresentar mesmo se eu esquecesse algo. Enfim hoje foi incrível, cheio de alegria e surpresas, a gente pode até não ganhar o festival, mas saiba que fazia tempo que eu não me divertia

tanto fazendo parte de uma peça como hoje. Obrigado por tudo Bruna. Tu é uma excelente professora, muito boa inclusive, e eu só tenho a agradecer, continue sendo assim com seu jeitinho alegre e sorridente meio sarcástico e sério em alguns momentos. Enfim valeu e até a próxima ❤️. E de novo muito obrigado por essa oportunidade.

(Aluno da peça “Essa peça é um assalto”)

Minha experiência nas aulas de teatro foi uma coisa incrível e que nunca pensei que iria fazer. As aulas sempre foram muito legais e divertidas. A sensação de estar no palco pela primeira vez no festival foi incrível e espero poder ter outras oportunidades de me apresentar de novo.

(Aluno peça “Era uma Vez, outra vez”)

Olá Bruna, aqui é o Rafael, e vim falar sobre o que achei ao apresentar minha peça de teatro e sobre a sua.

Primeiramente, a sensação que me passou quando o professor Régis disse que iríamos apresentar o “Cadê minha vó?” foi de confiança. Eu já fui até o Caixa Preta num projeto de extensão de circo, onde tinha alguns panos pendurados no teto e fazíamos acrobacias neles, mas nunca tinha apresentado lá. A hora que pisei lá, senti a nostalgia e um baque forte. Era igual a como lembrava. Na hora de sua apresentação, comecei a ficar um pouco nervoso, e fiquei com medo de não conseguir apreciar as apresentações em função do nervosismo. A peça “Planeta Macambúzio” foi em minha opinião, a melhor de todas, com ótima atuação e história. Achei mesmo que o ator revelação iria ser Rodolfo! Na minha vez, estava tremendo igual vara verde. Quando adentramos no camarim, a sensação pareceu que ficou lá fora, e quando chegamos no palco, estava confiante, de que tudo daria certo. Na hora de eu entrar em cena, deu tudo certo, consegui falar alto e confiante, como um policial, e não foquei na plateia, mas sim, na peça. Esse é o truque, não pensar se a plateia está gostando ou não da apresentação, mas apenas apresentar e não focar

neles em si. De resto, fiquei contente que pelo menos ganhamos dois “prêmios”, o de melhor roteiro e de melhor trilha sonora.

Foi uma sensação que sempre sinto na hora de apresentar algo. Muito nervoso na pré apresentação, mas, na hora de pisar no palco, todo o nervosismo fica na coxia.

(Aluno da peça “Cadê Minha Vó”)

Percebeu-se como pais e incentivadores aos adolescentes algo que evoluiu de forma continuada e tal ponto que houve a interajuda entre famílias, escola e UFSM, no transporte, na aquisição de material e na motivação para que desse continuidade ao projeto. Criatividade, envolvimento, dinamismo não faltou a Professora Brunathy, desde o início do projeto na Escola, culminando com as apresentações no Caixa Preta. A Professor Brunath soube proporcionar a auto estima nos alunos envolvidos no Projeto. E demonstrou que a arte é elemento inerente na criança, nos jovens, ah como é agradável conviver com uma filha que se envolve na arte, comportamento, estima, vontade; convivência vem à tona; o tempo flui como a natureza em sua harmonia. O envolvimento dos alunos com o teatro demonstrou a capacidade, da Professora e contagiou os pequenos e pequenas atores. E no festival a recompensa veio não só nos aplausos, mas nos prêmios. Cabe aos pais da escola Vicente Farenzena agradecer e tecer os elogios mais eloquentes possíveis, evidente que torcemos pela sua permanência em Santa Maria/RS, porém sabemos que a Universidade é um celeiro de profissionais e estes atuam nos mais diversos recantos de nosso país.

(Pai de aluna - Era uma vez, outra vez)

Participar do festival foi uma linda oportunidade e grata surpresa. Sou professora das oficinas de artes cênicas no CEFASOL, um projeto social em que crianças e adolescentes de 6 a 14 anos, em situação de vulnerabilidade socioeconômica, encontram acolhimento na arte. Entre elas, uma pequena turma de meninas cheias de energia e dedicação toparam a missão de participar do evento assim que ouviram eu convidar. Ao chegarem no dia do ensaio, o ambiente de boa convivência e

trabalho em equipe já foi notado desde a interação com a outra escola participante (ganhamos lanchinhos, abraços e elogios e ficamos muito felizes). No dia da apresentação, o nervosismo dava espaço para empolgação de estarem entre tanta gente talentosa, sendo recepcionadas com muito carinho e depois acalentadas pela sensibilidade dos jurados que assistiram com o olhar de criança e fizeram elas acreditarem em si mesmas. Premiadas com Atriz destaque e Cenário destaque se sentiram pertencentes e capazes. Para mim, ter esse espaço muito bem organizado onde se notava o carinho de cada pessoa da equipe do evento, fez total diferença. Pude levá-las a conhecerem um espaço teatral, terem contato com diversos elementos teatrais que no projeto não teriam, promover a integração e socialização e retornar ao CEFASOL com prêmios que incentivaram as demais crianças a se dedicarem e a enxergarem novas possibilidades.

(Professora e diretora da peça “Dia Após Dia”)

Educação é um tema sobre o qual organizei minha carreira como professora e há 15 anos, como mãe, tendo educar duas crianças, hoje adolescentes.

Educação é uma questão efetivamente complexa: educar uma criança. Diante deste desafio contamos com muitas pessoas e instituições, entre elas a escola.

Essa instituição, a escola, deveria trabalhar no sentido de ampliar o horizonte de possibilidades de conhecer o mundo, expressar-se através de várias linguagens, desenvolver a criatividade, em outras palavras tornar-se cidadão (pessoa que participa, se expressa, reflete, contribui, se responsabiliza, reivindica, respeita as decisões da maioria em uma sociedade democrática...). No entanto, a educação pública, embora faça muito, também tem seus limites devido: excessiva carga horária dos seus profissionais, baixos salários, dificuldade de formação continuada, entre outras questões. Porém, a escola pública é uma instituição aberta e recebi como recebi a professora Bruna, para realizar com nossos filhos o belíssimo trabalho por nos apreciado no Festival.

Está profissional que se forma na UFSM, no curso de licenciatura em Teatro nos faz termos esperança na educação, pois teve iniciativa, propósito, compromisso aspectos fundamentais para um professor.

Meu filho pode se expressar e com certeza, a linguagem das artes o toca, faz com que abra um largo sorriso e também me faça ter esperança de que a arte não morrerá em nossa sociedade (cada vez mais tecnificada, dogmatizada, fechada para a livre expressão) e que a educação continuará a ser o melhor caminho para conseguirmos concretizar uma sociedade democrática onde todos têm direito.

Muito obrigada professora Bruna por todo seu carinho, respeito e iniciativa.

(Mãe de Aluno da peça "O planeta Macambúzios")

12/08/2023- O dia em que se iniciou uma nova fase da minha vida. Ainda estou sem palavras para descrever o quão foi mágico mostrar tudo que aprendemos para o público e saber que foi o suficiente. Ganhar os prêmios de: Grupo destaque, figurino destaque, cenário destaque e melhor direção foi só uma parte do nosso empenho, não é sobre ganhar e sim sobre as novas amizades que pudemos fazer durante todo esse processo ! Com certeza, esse dia vai ficar marcado por toda minha vida.

(Aluno peça -"Era uma vez, outra Vez")

O Festival de Teatro Estudantil, realizado no mês de agosto no Teatro Caixa Preta, pode ser considerado um marco na produção cultural da cidade de Santa Maria. Nos dedicamos, enquanto corpo docente do Curso de Licenciatura em Teatro, na discussão, reflexão e elaboração do pensamento, sobre as metodologias teatrais, sobre os tempos e os espaços formativos, sobre planejamentos de aulas, sobre a produção teatral dentro e fora da escola, sobre os devires da profissão de artista-professor. No entanto, nossas percepções sobre as possibilidades artísticas tornam-se limitadas, se não existir momentos como os vividos no Festival de Teatro Estudantil.

Foi proporcionado a todos os envolvidos, a possibilidade de experiência. E de certa forma, participando do Festival e ouvindo os relatos, acredito que muitos dos participantes tiveram uma experiência, pois tiveram atravessamentos e mobilização

de afetos. Creio que as crianças e jovens que lá estiveram, tiveram a oportunidade de experiência estética.

A experiência estética surge da interioridade do sujeito, ela independe da inteligência, depende somente da subjetividade interior. Para ter uma experiência estética não é preciso pensar, apenas sentir e ser consciência do que se sente. A experiência estética pertence a dimensão afetiva, sua essência pertence ao mundo dos sentimentos, ou seja, sentir interiormente o mundo, sem atribuir um juízo de valor, certo ou errado, bom ou ruim, pois neste processo quem diz algo é o objeto externo que ao entrar em contato com o sujeito e seu ser interior produz sentido, sentimento e valor próprio.

Nesta relação, outra questão relevante para a experiência estética e que esteve presente no Festival de Teatro, é compreender que o sujeito não é passivo e que implica na sua capacidade de estar em relação com o mundo, o que pode levar a uma reflexão mais complexa, ou seja, na experiência estética vivenciamos um acontecimento que se dá no âmbito do sensível e não é concebível no plano cognitivo.

Nosso trabalho, como docentes, tem mais força, mais potência quando vivenciamos momentos como os do Festival. É um processo em que todos ganham, nós professores, os estudantes de graduação, os estudantes que participaram do Festival e a comunidade. Falamos de formação de público na infância, do “poder” do teatro na escola e do quanto experiências com a linguagem teatral são importantes para a vida. Tudo isso, se concretiza em momentos como os vividos no Festival.

Sobre os espetáculos que vi e sobre a experiência que vivi, posso dizer que foram marcantes, pois percebi um trabalho sério, engajado, respeitoso e cuidadoso, feito pelas professoras e seus estudantes. Foi possível perceber o clima de euforia nos bastidores, também foi possível ver os jovens artistas, experimentando a viciante sensação, antes de entrar em cena, e da qual nós artistas também somos dependentes. É um momento de experiência estética, é inefável, é indizível, e por isso, é mágico.

Espero que seja o primeiro, de muitos Festivais que virão. Parabéns, Bruna, Nathália e Professora Miriam, pela belíssima iniciativa e pelo lindo trabalho.

(Professora de Licenciatura em Teatro da UFSM)

Fotografia 4: Carta Digitalizada

SANTA MARIA, 21 DE AGOSTO DE 2023

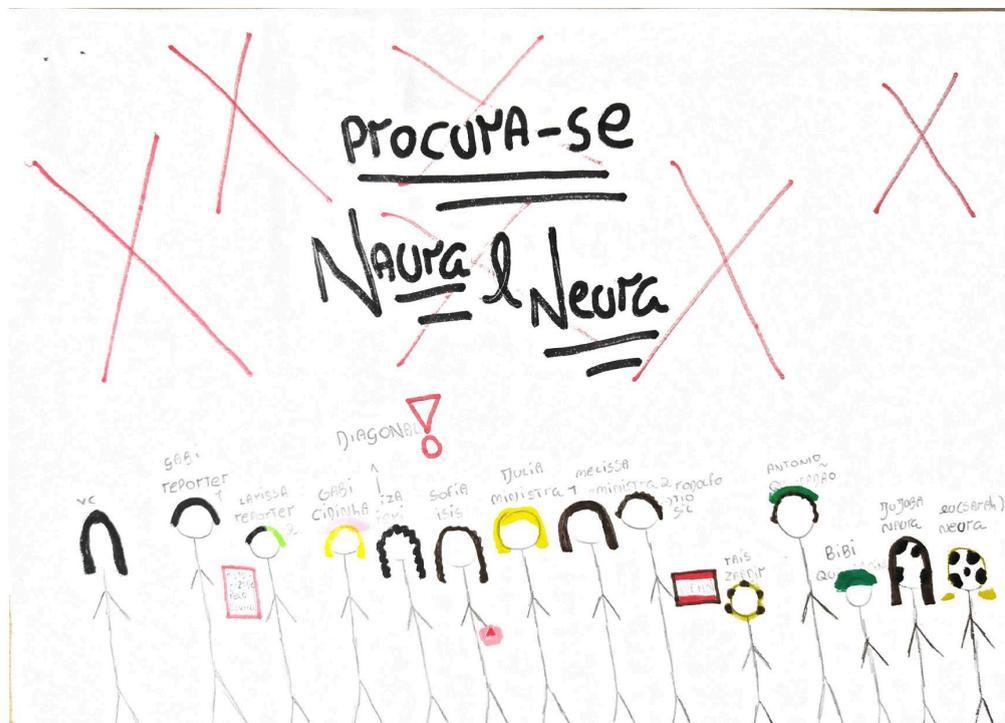
O TEATRO DO VICENTE FARENCEANA

UM DIA, A MÃE DA MINHA FILHA JÚLIA ME PEDIU PARA BUSCÁ-LA APÓS A AULA DE TEATRO, NA EMEF VICENTE FARENCEANA. ERA EM TORNO DE 19 HORAS DE UMA TARDE GELADA, QUANDO SUBIU A TURMA DA PROFESSORA BRUNA, SAINDO DA AULA DE TEATRO, EUFÓRICA, ENTUSIASMADA, FELIZ... ME CHAMOU ATENÇÃO, POIS, TODOS JÁ HAVIAM ASSISTIDO AS AULAS DA ESCOLA E, MESMO NAQUELE HORÁRIO, APÓS VÁRIAS HORAS DE ATIVIDADES, TODOS COMPARTILHAVAM DAS MESMAS SENSACIONES, DESUJITAS ANTERIORMENTE. É A MÁGIA DO TEATRO! NAS SEMANAS SEQUITES, AO BUSCAR A JÚLIA, OS SENTIMENTOS SE REPETIAM: ALEGRIA, EUFÓRIA, INTERAÇÃO DOS MAIS VELHOS COM OS MAIS NOVOS; TURNO DA MANHÃ COM TARDE. AO APROXIMAR-SE DA DATA DA APRESENTAÇÃO, AQUELA TURMA, CADA VEZ MAIS SINTONIZADA, TRANSDOAVA FELICIDADE. E VEIO O DIA DO FESTIVAL: UMA APRESENTAÇÃO EMOCIONANTE, COM UMA HISTÓRIA ORIGINAL. O PLANETA MACAMBUBO TOCOU MEU CORAÇÃO, E AQUELES PEQUENOS ARTISTAS TORNARAM-SE GIGANTES. O PALCO FICOU PLENAMENTE PARA A GRANDIOSIDADE DA PEÇA, QUE ARREBATOU DIVERSOS PRÊMIOS. E NÃO HÁ PALAVRAS PARA DESCREVER A EMÇÃO DE VER MINHA PEQUENA JÚLIA NA ENLENAGÃO.

OBRIGADO PROFE BRUNA. CERTAMENTE SEU TRABALHO FICARÁ NA MEMÓRIA DOS NOSSOS FILHOS. E NAS NOSSAS TAMBÉM! SUCESSO. DANIEL BARIN

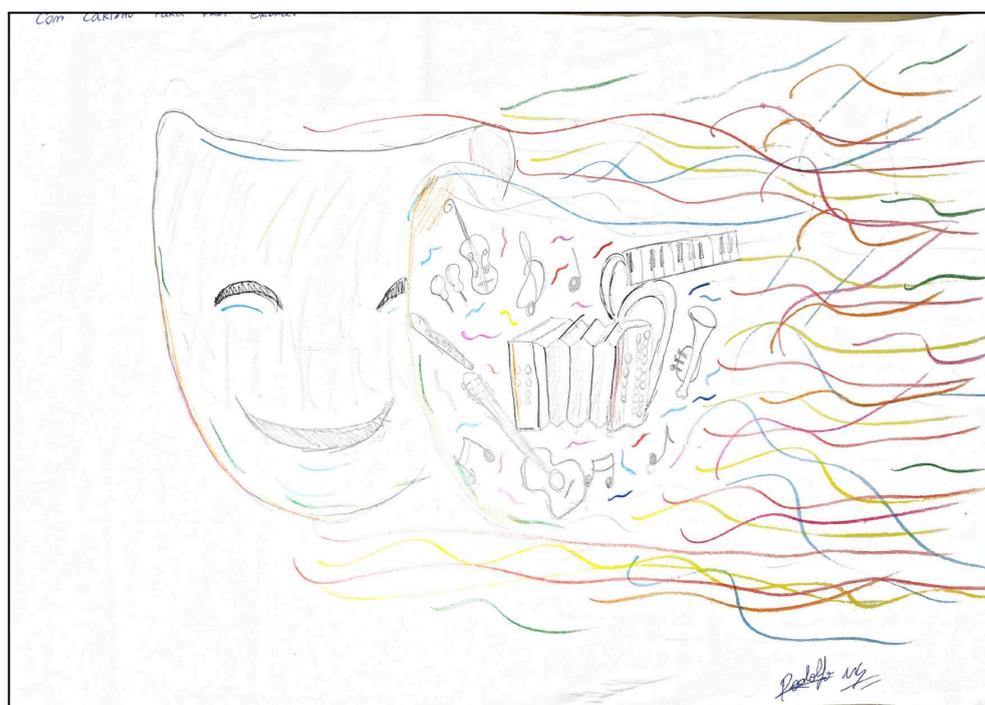
Fonte: Daniel Barin

Fotografia 5: Desenho de um aluno



Fonte: Sara Grzibowski

Fotografia 6:



Fonte: Rodolfo Meurer Schmidt

Conclusão

A oportunidade de associar as atividades dos Estágios Supervisionados de Docência em Teatro II e III com o Trabalho de Conclusão de Curso, me proporcionou uma reflexão mais aprofundada sobre a importância das práticas docentes que o curso oferece.

Durante o exercício de docência nos três estágios, consegui estabelecer algumas diferenças entre haver aula de teatro como disciplina curricular integrada às artes, e oficinas extracurriculares de teatro. Ambas as abordagens têm suas vantagens que tentarei discorrer a seguir.

Quando incorporado ao currículo escolar, o teatro assume o status de uma disciplina convencional, com metas específicas, metas de aprendizado e um cronograma de ensino. Isso proporciona ao aluno uma educação mais abrangente e estruturada nas artes em geral, permitindo-lhe adquirir conhecimentos teóricos e participar de atividades práticas. No entanto, surge uma contínua disputa entre diferentes campos artísticos que compõem o programa da disciplina, resultando em momentos em que a ênfase recai mais sobre as artes visuais, em outras ocasiões na música e assim por diante.

Por outro lado, nas oficinas extracurriculares de teatro, os alunos participam de forma voluntária, dedicando seu tempo a essa forma de arte fora do horário escolar por puro interesse e paixão. Essas oficinas oferecem aos alunos a oportunidade de explorar essa linguagem de maneira divertida e criativa, sem a rigidez associada a uma disciplina escolar.

Nesta prática docente, percebi que a relação entre teoria e prática é indissociável. Desse modo pude refletir diversas vezes sobre tudo que aprendi ao longo do curso de Licenciatura em Teatro, isso inclui: como estimular a criatividade dos alunos, usar exercícios de improvisação e promover a expressão artística de diversas faixas etárias, como orientar e dirigir uma produção teatral, criar cenários, como usar o teatro para envolver a comunidade e promover mudanças sociais, entre outras formas.

Foi um processo constante de aprender, retomar conteúdos de disciplinas passadas, foi o momento de contrapor algumas linhas de pensamentos, de exercer minhas próprias escolhas perante as turmas que eu estava trabalhando e pensar as melhores maneiras pedagógicas de solucionar os desafios que eu encontrava.

Esse trabalho em sala de aula me mostrou que o envolvimento dos alunos no teatro pode ter um impacto transformador em diversas áreas de suas vidas. Quando um aluno começa a atuar no teatro, muitas vezes enfrenta desafios como subir ao palco, decorar falas e se apresentar diante de uma plateia. Com o tempo, esta exposição ajuda a construir a autoconfiança, pois o aluno ganha experiência em lidar com situações desafiadoras. Isso ajuda a superar a timidez e a se sentir mais seguro ao falar em público.

O teatro pode ajudar os alunos a desenvolver suas habilidades de comunicação. Eles aprendem a articular suas palavras, projetar a voz e a se expressarem de forma mais eficiente, o que pode ser útil em situações cotidianas.

Em todas as peças produzidas para o festival, o trabalho em equipe foi essencial. Os alunos interagiram com os colegas constantemente, tiveram trocas de ideias, soluções e criaram vínculos afetivos, se reconhecendo como grupo, e entenderam a importância da escuta ativa e do respeito pelas ideias dos outros.

A escolha de criar vínculos afetivos com meus alunos e deixar com que eles me “atravesassem” de várias maneiras, contribuiu para que eles me permitissem conhecê-los, e juntos criarmos um espaço seguro para que eles pudessem expressar seus medos, frustrações, alegrias e conquistas.

Meu trabalho de teatro com as turmas era pensado também com a formação de novos espectadores. A experiência de assistir a espetáculos teatrais são atividades valiosas que podem ter um impacto positivo no desenvolvimento cognitivo, criativo, emocional e social das pessoas.

Quando os alunos são espectadores de outros grupos, conduzidos por outros professores que trabalham com teatro, eles se defrontam com outras realidades e interesses abordados no palco, refletindo a diversidade cultural que existe na sua cidade.

Percebi que meus alunos, ao assistir aos espetáculos no Festival, exploraram uma variedade de emoções e perspectivas, aumentando sua visualidade estética. O evento estimulou o gosto deles pelas artes cênicas e pela cultura em geral. Mesmo depois das apresentações e terminando a minha pesquisa de TCC, os pais e os alunos pediram para que o trabalho desenvolvido tivesse continuidade, todos estavam ansiosos pela próxima peça.

O Festival foi um momento de diversão e entretenimento que enriqueceu a vivência dos participantes. Eles fizeram amizades novas, puderam se experimentar

no palco, conheceram artistas da área, se reconheceram como artistas e se sentiram valorizados com suas apresentações.

Em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), também alcancei o objetivo de envolver os alunos no ambiente universitário, especificamente no Teatro Caixa Preta, e de integrar suas famílias a esse processo. Foi particularmente gratificante testemunhar a curiosidade dos pais, que desejavam saber o que seus filhos estavam aprendendo e descobrindo. Recebê-los no Teatro para que pudessem finalmente assistir às produções resultantes de todo o tempo dedicado às oficinas e aulas de artes destacou a relevância do incentivo e apoio das famílias nas escolhas dos jovens.

Realizei alguns encontros das oficinas e das aulas de artes no Centro de Artes e Letras. Somando a isso, as apresentações do próprio Festival também se deram nesse espaço, isso aproximou os alunos e a comunidade, do que está sendo desenvolvido dentro da UFSM. É importante que esse vínculo entre universidade e comunidade seja mantido e reforçado para que essas pessoas também incentivem e defendam a educação gratuita e de qualidade.

A divulgação desses eventos culturais e a ocupação desses espaços públicos pela comunidade é particularmente significativo em áreas onde o acesso a teatros ou casas de espetáculos tradicionais é limitado.

Toda essa experiência adquirida com o desenvolvimento do meu Trabalho de Conclusão de Curso, me possibilitou estender o olhar sensível para a comunidade fazendo com que eu refletisse para o que, e para quem é o conhecimento que estou adquirindo, tanto como artista quanto como educadora.

A experiência vivenciada durante a realização deste projeto reforçou a importância do teatro na educação e seu impacto na sociedade. O teatro não apenas enriquece o desenvolvimento criativo e artístico dos alunos, mas também desempenha um papel fundamental na construção de cidadãos mais conscientes e empáticos. Através do teatro, os estudantes podem explorar diferentes perspectivas, desenvolver habilidades de comunicação e expressão, e aprender a trabalhar em equipe. Além disso, a integração das famílias no processo educacional demonstrou o quão essencial é o apoio da comunidade para o crescimento e sucesso dos jovens no teatro e na vida pessoal. Essas vivências enriqueceram minha própria formação, mostrando-me que o teatro vai além das cortinas e palcos, e possui o poder de construção de um mundo mais inclusivo e enriquecedor. Portanto, acredito

firmemente que o teatro desempenha um papel vital na formação de indivíduos e na melhoria da sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

- DESGRANGES, FLAVIO. **A pedagogia do teatro**: provocação e dialogismo. São Paulo: Hucitec, 2006. 183 p.
- DESGRANGES, Flávio. **A pedagogia do espectador**. São Paulo: Hucitec, 2003. 185 p.
- DESGRANGES, Flávio. A posição do espectador: Perspectivas pedagógicas. In: FLORENTINO, Adilson; TELLES, Narciso. **Cartografias do ensino do teatro**. Uberlândia: EDUFU, 2009. p. 85 - 94.
- DESGRANGES, Flávio; SIMÕES, Giuliana. **O Ato do espectador**: perspectivas artísticas e pedagógicas. São Paulo: Hucitec, 2016. 386 p.
- DIAS, Miriam benigna Lessa. **O Jogo Teatral como uma possibilidade na formação do professor**. Diss. de Mestrado em Educação - PUC, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- GUIMARÃES, Mirtthya. Processos pedagógicos para uma prática de teatro em grupo. In: BANDEIRA, Ana; SERPA, Lucia; CARTAXO, Carlos. **Teatro na educação: caminhos e desafios**. Editora da UFPB, João Pessoa, 2015. p. 163 - 181.
- JAPIASSU, Ricardo. **Metodologia do ensino de teatro**. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2001. 224 p.
- JUNIOR, José Maria Rodrigues. **Festival Estudantil Sesi Sorocaba De Teatro**. Tese (Artes cênicas) - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo – Eca/sp, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27155/tde-10112010-112929/publico/5601329.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2022.
- KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 1984. 155 p.
- REVERBEL, Olga. **Um caminho do teatro na escola**. 2 ed. São Paulo: Editora Scipione, 1997. 173 p. (Pensamento e Ação no Magistério).
- REVERBEL, Olga. **O Teatro na Sala de Aula**. 2 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.
- SISTO, Celso. Teatro do Livro: Caminhos para uma encenação de uma obra literária. In: BANDEIRA, Ana; SERPA, Lucia; CARTAXO, Carlos. **Teatro na educação: caminhos e desafios**. Editora da UFPB, João Pessoa, 2015. p. 217 - 255.
- SOARES, Carmela. Pedagogia do jogo teatral: uma poética do efêmero. In: FLORENTINO, Adilson; TELLES, Narciso. **Cartografias do ensino do teatro**.

Uberlândia: EDUFU, 2009. p. 49 - 59.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. Tradução Ingrid Dormien Koudela e Eduardo Jose de Almeida. São Paulo: Perspectiva, v. 5, 2010. 349 p.

SPOLIN Viola. **Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin**; tradução de Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SPOLIN, Viola. **O jogo teatral no livro do diretor**. Tradução de Ingrid Dormien Koudela e Eduardo Amos. São Paulo: Perspectiva, 2. ed., 2004.